

# ⓪ Sagrado e o Profano



HOMENAGEM A J. S. DA SILVA DIAS



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1986

## A DEMANDA DA PRÁTICA A CONCEPÇÃO DA PRAXIS EM FEUERBACH

### 1. *Inquérito de uma categoria*

A concepção feuerbachiana da «praxis» tem sido objecto de apreciações muito diversas.

Pesam seguramente na variação destas avaliações: a delimitação do conjunto de textos que servem de base às diferentes análises, a determinação concreta da problemática a que em cada caso se atende, as orientações (ou tomadas de partido) a que no seu horizonte se procede, a bateria de supostos que preside aos ajuizamentos.

Em 1845, Marx salienta a incapacidade feuerbachiana de conhecer a significação revolucionária da «praxis», de alcançar o sentido *praticamente* crítico da actividade humana — apenas considerada na sua dimensão teoricamente crítica —, determinadas por toda uma incompreensão do seu carácter objectivo, material. «Ele [Feuerbach] não apreende a actividade humana propriamente dita como actividade *objectiva*» 0).

Em 1908, Lénine, reportando-se fundamentalmente a textos do último período do pensamento de Feuerbach (designadamente, *Ueber Spiritualismus und Materialismus in besonderer Beziehung auf die Willensfreiheit*, composto entre 1863 e 1865

\* Universidade de Lisboa.

C<sup>1</sup>) «er fasst die menschliche Tätigkeit selbst nicht als *gegenständliche* Tätigkeit.», K. Marx, *Thesen über Feuerbach*, 1; Marx-Engels, *Werke* (doravante: MEW), Berlin, Dietz, 1969, vol. 3, p. 5.

Sobre a problemática das relações entre Marx e Feuerbach, tenha-se nomeadamente em conta Werner Schuffenhauer, *Feuerbach und der Junge Marx. Zur Entstehungsgeschichte der marxistischen Weltanschauung*, Berlin, DVW, 1972<sup>2</sup>.

e publicado pela primeira vez em 1866) e, em especial, à crítica geral do idealismo a que no seu âmbito se procede, afirma que «Feuerbach põe na base da teoria do conhecimento todo o conjunto da prática humana» (2).

Por 1915, Plekhanov insiste igualmente em que o reconhecimento da nocividade da separação de teoria e prática vai inteiramente no sentido do «espírito» da filosofia feuerbachiana (3).

Ernst Bloch, por sua vez, fala em termos críticos de um *Tat-Ersatz*, de uma substituição equívoca da acção efectiva pela *Empfindung*, pela sensação (4), enquanto Alfred Schmidt acolhe essa consagração dos sentidos enquanto órgãos da filosofia, enquanto expoentes destacados da «praxis» humana, como alguma coisa que, pelo contrário, deve ser objecto de avaliação positiva (5), algo de semelhante acontecendo também com Michael Henry, para quem a «prática» de Feuerbach é justamente a relação sensorial ao ser que funda a constituição de uma «sensibilidade transcendental» no seio da qual o mundo se faz mundo (6).

Por seu lado, Adolfo Sánchez Vásquez, ao mesmo tempo que reconhece a incompatibilidade do «materialismo contemplativo» de Feuerbach com uma verdadeira filosofia da praxis, consegue no entanto descortinar um simultâneo avanço, retrocesso e estacão/estagnação relativamente a Hegel, no que ao desenvolvimento desta problemática concerne (7). Mario Rossi, sem deixar de considerar como marcante — e de sublinhar — o «teoreticismo» intrínseco de Feuerbach, entrevê, todavia, uma sua atenuação, nos termos da qual a perspectiva teórica sempre se vai alargando a uma concepção mais integral da vida humana na sua concreção (8).

(2) Cf. Lénine, *Materialismo e Empiriocriticismo. Notas críticas sobre uma filosofia reaccionária*, Lisboa - Moscovo, «Avante!» — Progresso, 1982, p. 107. Os *Cadernos filosóficos* contêm também numerosas notas referentes a resumos de obras de Feuerbach.

(3) Cf. G. Plekhanov, *De Vidéalisme au matérialisme; Oeuvres Philosophiques*, Moscou, Progrès, 1981, vol. 3, p. 670.

(4) Cf. E. Bloch, «Weltveränderung oder die elf Thesen von Marx über Feuerbach», *Das Prinzip Hoffnung*, 19; *Gesamtausgabe*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1977, vol. 5. I, p. 316.

(5) Cf. A. Schmidt, *Emanzipatorische Sinnlichkeit. Ludwig Feuerbachs anthropologischer Materialismus*, München, Carl Hanser, 1973, p. 110.

(6) Cf. M. Henry, *Marx. I: Une philosophie de la réalité*, Paris, Gallimard, 1976, vol. I, pp. 287 e 291.

(7) Cf. A. Sánchez Vásquez, *Filosofia de la Praxis*, México D. F., Grijalbo, 1967, p. 98.

(8) Cf. M. Rossi, *Da Hegel a Marx. III: La Scuola hegeliana. Il giovane Marx*, Milano, Feltrinelli, 1977<sup>2</sup>, vol. Ili, pp. 126-27.

De um ponto de vista, neste particular, historicamente correcto, Simon Rawidowicz chama a atenção, entre outras coisas, para o papel desempenhado por Feuerbach na passagem de toda uma geração de intelectuais alemães a uma consideração mais atenta e mais concreta do homem do quotidiano, do homem da prática.

Como ele escreve na sua famosa obra sobre a recepção feuerbachiana de alguns dos seus grandes antepassados filosóficos e também sobre a própria *Feuerbach-Rezeption*:

«Feuerbach ajuda os poetas alemães a completar a transição do homem da arte romântico para o homem da prática, da acção». (9).

Para além destas apreciações — seguramente diversas, algumas delas contraditórias —, e de muitas outras que se poderiam acrescentar, permanece, todavia, em relação à questão da praxis em Feuerbach, um problema, ou mesmo um conjunto de problemas:

Como é que efectivamente se determina a praxis para Feuerbach? Em que contexto ou contextos é ela chamada a intervir em termos categoriais? Há um conceito unívoco de praxis em Feuerbach? De que modo e dentro de que limites pode a caracterização feuerbachiana da praxis ajudar-nos a pensar tematicamente a prática?

Quando nos confrontamos directamente com os textos de Feuerbach, estas e outras questões não podem deixar de surgir e, face a elas, talvez haja que ir um pouco mais fundo do que o mero reconhecimento/acusação de que o autor em apreço não é rigoroso no seu vocabulário (como de certo modo parece acontecer com David McLellan na sua obra sobre Marx e os jovens hegelianos (10), ainda que neste caso a observação/crítica se refira ao posicionamento de Feuerbach para com a religião) ou de que se trata de uma consequência inelutável das vantagens — e dos inconvenientes — de um pensador se assumir deliberada e conscientemente como não-sistemático («solução»

(9) «Feuerbach hilft den deutschen Dichtern, den Uebergang vom romantischen Kunsitmenschen zum Menschen der Praxis, der Tat zu vollziehen.», S. Rawidowicz, *Ludwig Feuerbachs Philosophie. Ursprung und Schicksal*, Berlin, W. de Gruyter, 1964<sup>2</sup>, p. 368.

(10) Como aí se afirma: «O uso das palavras por Feuerbach nunca é muito preciso», «Feuerbach's use of words is never very precise», D. McLellan, *The young hegelians and Karl Marx*, London, Macmillan, 1980<sup>3</sup>, p. 91.

que, de algum modo, Claudio Cesa parece patrocinar, na sua introdução a Feuerbach, quando aborda algumas dificuldades referentes à concepção feuerbachiana do 'facto' (r<sup>1</sup>).

Ir mais fundo significa, neste caso, detectar que, por detrás do emprego vocabular de um termo filosófico, se encontra geralmente uma teorização, uma tematização, que o funda como categoria num horizonte problemático determinado.

Que horizonte ou que horizontes problemáticos encontramos nós em Feuerbach para o conceito de «Praxis»?

É a esta pergunta que procuraremos responder no presente trabalho, tomando como baliza de delimitação terminal da investigação — fundamentalmente, por razões que se prendem com um desejo de não alongar desmesuradamente este estudo — 1843.

2. *Primeiros preparativos. Elementos de uma teoria da acção no «De ratione». Negação da imortalidade e libertação de uma responsabilidade para a vida. A perspectiva da «Verwirklichung»*

As questões relacionadas com a prática desenvolvem-se fundamentalmente no horizonte da problemática da acção.

Podemos, por conseguinte, dizer mesmo que a tematização da prática tem a ver com a necessidade de se introduzirem ou de se consciencializarem determinadas precisões no que se refere à qualificação da actividade, à discriminação dos seus

O<sup>1</sup>) Cesa manifesta, de facto, uma tendência para encarar o problema da contraditoriedade em Feuerbach, nestes termos:

«Num pensador não-sistemático, e voluntariamente não-sistemático, como é Feuerbach, é fácil embater, e às vezes a curta distância, com afirmações de sinal oposto.», «In un pensatore non sistematico, e voluntariamente non sistematico, come è Feuerbach, è facile imbattersi, e magari a breve distanza, in affermazioni di segno opposto.», C. Cesa, *Introduzione a Feuerbach*, Bari, Laterza, 1978, p. 34.

Logo nos primeiros delineamentos do seu projecto genético-crítico para a filosofia, Feuerbach trata, com efeito de combater a tendência — remante no tempo — para a construção de sistemas acabados, em nome de um apelo à *investigação*:

«Não nos são precisos sistemas, mas inquirições; fazem-nos falta investigações livres, crítico-genéticas.», «Systeme sind uns nicht nötig, aber Recherchen, aber freie kritisch-genetische Untersuchungen tun uns not.», L. Feuerbach, *Pierre Bayle, Ein Beitrag zur Geschichte der Philosophie und Menschheit* (doravante: *Bayle*); *Gesammelte Werke*, ed. W. Schuffenhauer (doravante: GW), Berlin, Akademie-Verlag, 1967, voi. 4, p. 341.

elementos e planos de intervenção, à determinação das suas efectivas implicações no terreno da ética, da ontologia, etc. Desde, pelo menos, a distinção aristotélica entre a *noírjoic* e a *rcpãçç* que assim tem acontecido.

Interessante será, portanto, atentar em como, neste caso, o jovem Feuerbach desenvolve a sua teoria da acção. E há, de facto, por exemplo, logo na tese de doutoramento, apresentada à Universidade de Erlangen em 1828, elementos para uma teoria da acção.

O grande modelo de que Feuerbach aí se serve para pensar a actividade é fundamentalmente o modelo do pensamento. A grande expressão da actividade aparece, assim, como sendo a actividade pensante, na sequência, aliás, de um desenvolvimento caro ao idealismo alemão.

A *cogitatio* é definida como *acto* — «est etiam cogitatio actus» <sup>(12)</sup> —, decorrendo essencialmente no elemento da imanência: o pensamento é, antes do mais, encarado como um acto para si próprio, portador de uma densidade própria que o autonomiza.

Para além desta imanência, há igualmente a salientar a constitutiva concomitância com a acção. Pensar e agir fazem um; a sua unidade funda não só a simplicidade da mente — des-substancializada em nome de uma actividade como essência — como também define o quadro matricial de toda a problemática da acção.

«O pensamento é aquela acção de que a própria mente é origem, causa e razão; a mente não existe antes de agir; origem e acção dela são um [uma só/mesma coisa].» <sup>(13)</sup>.

De notar é ainda que esta primeira tematização da actividade é realizada ao abrigo da invocação protectora de Fichte.

O famoso: «Euer Denken ist ein Handeln», o vosso pensar é um agir, constante de um artigo publicado por Fichte em 1797 no *Philosophisches Journal* <sup>(14)</sup>, é expressamente citado por Feuerbach numa nota do *De ratione* <sup>(15)</sup>.

<sup>(12)</sup> Cf. Feuerbach, *De ratione, una, universali, infinita* (dora-vante: *De ratione*), § 7; GW, vol. 1, p. 32.

<sup>(13)</sup> «Cogitatio ea est actio, quae ipsius mentis sit origo, causa et rai-do; mens non prius est, quam agit; origo et actio ejus unum sunt.»; Feuerbach, *De ratione*, § 16; GW, vol. 1, p. 86.

<sup>(14)</sup> Cf. J. G. Fichte, *Versuch einer neuen Darstellung der Wissenschaftslehre; Werke*, ed. I. H. Fichte, n. ed., Berlin, W. de Gruyter, 1971, vol. I, p. 522.

(is) cf. Feuerbach, *De ratione*, § 7; GW, vol. 1, p. 134.

As referências a Spinoza e a Leibniz que repetidamente aparecem no contexto de uma acentuação da estreita vinculação do pensar e do agir, em termos de urna sua quase-assimilação (16), vêm, no entanto, sempre imbuídas de uma dupla dimensão: por um lado, a de valorizar decisivamente a destinação teórica do homem e o seu compromisso com a verdade (17); por outro lado, a de vincar bem o potencial libertador do conhecimento a indispensável direcção teórica da liberdade (18).

Este fichteanismo de fundo ou este spinozismo parcial (19) do jovem Feuerbach marcará decisivamente todo o seu pensar da prática, quer no quadro dos supostos fundamentais da sua relação com a teoria, quer no que se refere ao paradigma reitor dominante da sua concepção da actividade humana.

Como já na dissertação de 1828 Feuerbach escrevia:

«O pensamento é arquétipo de toda a tua acção.» (20).

Trata-se, de facto, de uma hipoteca teórica para o pensar feuerbachiano da acção da qual — precisamente porque se encontra enraizada bem fundo ao nível dos supostos — difícil-

(16) Cf. Feuerbach, *Abalará und Héloïse oder der Schrifsteiler und der Mensch* (doravante: *Abälard*); GW, voi. 1, p. 576 e também *Geschichte der neuern Philosophie von Bacon von Verulam bis Benedikt Spinoza* (doravante: *Von Bacon...*); GW, voi. 2, p. 44.

(17) O que ocorre, designadamente, nestes termos:

«O pensador autêntico, o homem de ciencia autêntico, só servê, porém, a humanidade, na medida em que simultaneamente sirva a verdade; tem o conhecimento por bem supremo, pelo verdadeiramente útil, a promoção deste é o seu objectivo de vida prático»,

«Der echte Denker, der echt wissenschaftliche Mensch dient aber nur der Menschheit, indem er zugleich der Wahrheit dient, er hält die Erkenntnis für das höchste Gut, für das wahrhaft Nützliche, ihre Förderung ist sein praktischer Lebenszweck», Feuerbach, *Von Bacon...*, § 10; GW, voi. 2, p. 45.

(18) «A essência (a liberdade do espírito) consiste apenas no conhecimento. Nós só somos (livres ou) activos, na medida em que conhecemos»,

«Das Wesen (die Freiheit des Geistes) besteht allein in der Erkenntnis. Wir sind nur insofern (frei oder) tätig, als wir erkennen», Feuerbach, *Von Bacon...*, § 96; GW, voi. 2, p. 432.

(19) Em carta a um amigo confessa:

«Mas V. sabe que eu sou (pelo menos em parte?) spinozista; a minha moral é [urna] metafísica.»

«Aber Sie wissen, ich bin (wenigstens zum Teil?) Spinozist; meine Moral ist Metaphysik.», Feuerbach, *Brief an Christian Kapp*, 13. Januar 1835; GW, voi. 17, p. 218.

(20) «Cogitatio omnis actionis tuae sit Archetypon.», Feuerbach, *De ratione*, § 17; GW, voi. 1, p. 94.

mente se conseguirá libertar, se é mesmo que se conseguirá libertar. O grande modelo da actividade permanecerá, para Feuerbach, o da actividade espiritual.

Uma teoria da acção, em geral, e da prática, em particular, tem obrigatoriamente de dar alguma resposta, implícita ou explícita, ao problema do comportamento dos homens no mundo, tem de envolver alguma perspectiva sobre o condicionamento e horizonte da sua intervenção mundana.

Esta questão aparece-nos de algum modo reflectida nas perspectivas que uma obra como os *Pensamentos acerca da morte e da imortalidade*, publicados anonimamente em Nürnberg em 1830, abre.

Feuerbach encara aí a consciência ou o reconhecimento da morte individual, enquanto limite objectivo e inultrapassável, como uma condição decisiva para a revalorização da vida e da responsabilidade do ser humano como agente nela ou como agente dela. A consciência da finitude humana correctamente entendida, em vez de acabrunhar ou deprimir, liberta para a coragem de um novo viver. Esta é a verdadeira lição a tirar da inelutabilidade da morte como limite.

«Só quando o homem reconhecer que não há meramente uma *morte de aparência*, mas uma morte real e verdadeira que fecha completamente a vida do indivíduo, e penetrar na consciência da sua finitude, ganhará coragem para recommençar uma nova vida e sentirá a necessidade premente de fazer do absolutamente verdadeiro e essencial, do infinito real, projecto e conteúdo da sua vida espiritual toda.»<sup>(21)</sup>.

Atente-se, todavia, aqui em como esta recuperação do viver humano e da actividade em que consiste nos aparece subsumida no modelo e nos parâmetros reitores de uma *actividade espiritual*.

É a *Geistestätigkeit* que há-de propiciar a abertura sobre o infinito, em termos de projecto vital. A consumação praxica

<sup>(21)</sup> «Nur wenn der Mensch wieder erkennt, dass es nicht bloss einen *Scheintod*, sondern einen wirklichen und wahrhaften Tod gibt, der vollständig das Leben des Individuums schliesst, und einkehrt in das Bewusstsein seiner Endlichkeit, wird er den Mut fassen, ein neues Leben wieder zu beginnen und das dringende Bedürfnis empfinden, absolut Wahrhaftes und Wesenhaftes, wirklich Unendliches zum Vorwurf und Inhalt seiner gesamten Geistestätigkeit zu machen.», Feuerbach, *Gedanken über Tod und Unsterblichkeit* (doravante: *Gedanken*); GW, voi. 1, p. 199.

devem, no fundo, realização espiritual. A expressa proclamação da vida acaba ela própria por se ver reabsorvida em toda uma aura de espiritualidade.

A libertação para a vida, a libertação para a prática, vem, assim, a adquirir uma coloração entranhadamente *ética* — traço que, aliás, não deixará mais tarde de acompanhar momentos fundamentais da tematização feuerbachiana da «praxis», como teremos oportunidade de ver.

Seja como for, há uma clara consciência desta vinculação do viver a uma dimensão ética fundamental, na sequência e como resultado de toda uma concepção fortemente crítica das ilusões idealistas da imortalidade.

Como Feuerbach dirá mais tarde, num projecto de carta a enviar ao teólogo Engelhardt, referindo-se, precisamente à sua autocompreensão dos *Gedanken*: «o autor dá à morte uma significação espiritual, ética» (22).

A prática assume, assim, também, já neste período matinal do pensamento de Feuerbach, fundamentalmente, uma *etische Bedeutung*. A grande dimensão do viver que nos é proposta é a de uma actividade espiritual (teórica), eticamente comprometida com valores esclarecidos, tais como o conhecimento, a ciência, a liberdade, etc.

Os *Gedanken* de 1830 assumem, por conseguinte, um papel de relevo na preparação do terreno teórico para a eclosão de toda uma compreensão da prática humana. Mas, não constituem, quanto a esta matéria específica, propriamente um escrito inaugural. Como também já vimos, trazem atrás de si, designadamente no *De ratione*, uma reflexão, ainda que, sob certos aspectos, incipente, acerca de alguns problemas da acção, em geral.

Neste sentido, não estaria inclinado a circunscrever tanto aos *Gedanken* — como Manuel Cabada Castro parece sugerir no seu escrito principal sobre Feuerbach (23) — os primórdios ou mesmo as premissas da concepção feuerbachiana da praxis.

(22) «der Verfasser gibt dem Tode eine geistige, ethische Bedeutung», Feuerbach, *Brief an Johann Georg Veit Engelhardt*, 2. Oktober 1836; GW, voi. 17, p. 280.

(23) Afirma ele: «As premissas teóricas fundamentadoras e promotoras da prática neste mundo tinham sido estabelecidas muito cedo por Feuerbach nos seus *Pensamentos sobre a morte e a imortalidade* (1830).», «Las premissas teóricas, fundamentadoras y promotoras de la praxis en este mundo, habían sido establecidas muy tempranamente por Feuerbach en sus *Pensamientos sobre la muerte y la inmortalidad* (1830).», M. Cabada Castro, *El humanismo premarxista de Ludwig Feuerbach*, Madrid, BAC, 1975, p. 199.

Já no *De ratione* de 1828 encontramos elementos indiciadores de uma primeira teoria da acção. Novos elementos poderíamos igualmente encontrar em peças da correspondência, com datação ainda anterior.

Logo em 1825 — em carta dirigida ao pai, na sequência de uma outra em que lhe comunicava a sua decisão de abandonar os estudos de teologia para se dedicar inteiramente à filosofia —, procurando responder a algumas apreensões do progenitor quanto a eventuais saídas profissionais e quanto à inserção «prática» do filosofar na vida de todos os dias, o jovem Feuerbach avança com alguns temas, a que, sem dúvida, mais tarde, num outro enquadramento teórico geral, não deixará de regressar.

Afirma ele, a dado passo:

«A filosofia não é nenhum vácuo ou abstracto desses, de tal modo que somente exercesse a sua essência na solidão do pensamento como tal.»

e mais adiante:

«Sobretudo, porém, o filósofo não é nenhum pisador de nuvens, sonâmbulo e calcador de névoa....; ele não plana acima dos homens sem se importar, numa soberba extasiada....; ele está no mundo, e ao serviço dele, não menos do que o jornaleiro mais comum» (24).

Em suma, a haver um começo programático ou um texto seminal, esta carta deveria certamente ser contada entre as peças de referência fundamental. Encontramos aqui, com efeito, e particularmente no que ao nosso tema diz respeito, um precioso conjunto de indicações que recobrem dimensões centrais a que Feuerbach mais tarde voltará.

Se, por conseguinte, a filosofia é *Weltweisheit* — literalmente: sabedoria ou sagesa do mundo, e apenas nesta medida: universal —, não pode descurar a sua constitutiva dimensão mundana. Ora, esta passa, desde já — estamos em 1825 —, por um envolvimento e por uma preocupação pelos homens, pela

(24) «Die Philosophie ist kein solches Vakuum und Abstraktum, dass sie in der Eiskälte des Gedankens als solche allein ihr Wesen triebe.... Ueberhaupt aber ist der Philosoph kein Wolkenfüßler, Nachtwandler und Nebeltreter...., er schwebt nicht in schwärmerischem Hochmut über die Menschen hinweg....; er steht in der Welt und in ihren Diensten nicht weniger als der gemeinste Tagelöhner», Feuerbach, *Brief an Paul J. Anselm von Feuerbach*, 10. April 1825; GW, voi. 17, pp. 77-78 e 79.

sua sorte, pelo seu destino. A prática tem e terá, no quadro do pensamento de Feuerbach, a ver essencialmente com esta temática.

Uma filosofia ao serviço do mundo que é uma filosofia ao serviço dos homens. Esta uma destinação/fundamental do filosofar a que Feuerbach se manterá sempre fiel.

Não é esta preocupação, não é esta *intenção*, que se encontram em causa quando críticas são formuladas à concepção feuerbachiana da prática. Não é o *desejo* ético que está em jogo; é a concretização teórica e as implicações efectivamente práticas, materiais, que dela advêm.

Finalmente, recorde-se ainda que neste mesmo período de juventude, Feuerbach lança as raízes de um tema que se virá a encontrar no centro das preocupações dos jovens hegelianos. Trata-se da questão da *Verwirklichung*, da realização, da filosofia e da racionalidade, que Hegel encarava sob as roupagens da idealidade (25).

Na carta que acompanha o envio da dissertação de doutoramento a Hegel, Feuerbach traça, em termos quase-programáticos, as perspectivas desta *Verwirklichung*. Perfila-se, assim, no horizonte de uma filosofia pós-hegeliana a grande tarefa da «realização e mundanização [*Verweltlichung*] da Ideia, a ensarcese ou incarnação do Logos puro» (26).

Escusado será dizer que todo este projecto não poderá deixar de assumir relevantes implicações de natureza prática. Não apenas ao nível da *expressão teórica* das novas concepções, mas fundamentalmente no plano — adequadamente tematizado ou não — das necessárias transformações objectivas, materiais, indispensáveis à sua efectiva implementação.

(25) Sobre esta problemática, em geral, pode ver-se: Auguste Cornu, *Karl Marx und Friedrich Engels. Leben und Werk*, Berlin, Aufbau-Verlag, 1954, vol. I, pp. 123-206; Karl Loewith, *Von Hegel zu Nietzsche. Der revolutionäre Bruch im Denken des neunzehnten Jahrhunderts*, Hamburg, Felix Meiner, 1981<sup>8</sup>, pp. 78-136; Horst Stuke, *Philosophie der Tat*, Stuttgart, Klett, 1963; Michael Theunissen, «Die Verwirklichung der Vernunft. Zur Theorie-Praxis-Diskussion im Anschluss an Hegel», *Philosophische Rundschau*, Tübingen (1970), Beiheft 6; Johann Mader, *Zwischen Hegel und Marx. Zur Verwirklichung der Philosophie*, Wien - München, R. Oldenbourg, 1975; Erich Thies, «Philosophie und Wirklichkeit. Die Hegelkritik Ludwig Feuerbachs», *Ludwig Feuerbach*, ed. E. Thies, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1976, pp. 431-482.

(26) «die Verwirklichung und Verweltlichung der Idee, die Ensarkosis oder Inkarnation des reinen Logos», Feuerbach, *Brief an Hegel*, 22. November 1828; GW, vol. 17, p. 105.

Com o tema da *Verwirklichung* é de jacto a questão da transformação (tendencialmente revolucionária) da ordem existente que paulatinamente vem sendo trazida para a ordem do dia, no quadro de um amadurecimento das aspirações democráticas da jovem intelectualidade, de endereço originariamente burguês e anti-feudal.

Por outro lado, ainda nesta mesma carta a Hegel de 1828, Feuerbach introduz uma outra temática que mais tarde voltará a aparecer em articulação com a questão da praxis.

Trata-se de uma contraposição entre a filosofia considerada como *Sache der Schule* (27), como coisa de escola, confinada, por conseguinte, ao âmbito das discussões académicas, e a filosofia encarada como *Sache der Menschheit*, coisa da humanidade, como património dos homens, directamente ligada ao seu viver e aos seus problemas.

Esta distinção, em si mesma, não constitui propriamente uma novidade. Kant, por exemplo, já distinguia entre um *Weltbegriff*, um conceito universal ou mundano da filosofia, em que os seus temas interessem necessariamente toda a gente, e um *Schulbegriff*, conceito de escola, da filosofia, onde apenas as particularidades de especialista são objecto de abordagem (28).

A novidade — a existir — prende-se mais com a evolução de toda uma situação histórica que abre ao democratismo burguês na Alemanha novas possibilidades de intervenção pública e arvora destacados jovens intelectuais de inspiração mais ou menos hegeliana em seus porta-vozes.

Abrir a filosofia à humanidade significa, cada vez mais, na época, dotá-la de um público civil/burguês (e não apenas eclesial/professoral) motivado e disponível, mau grado todas as limitações externas e internas, para uma intervenção cívica de cunho anti-feudal. É este o horizonte em que, por exemplo, o movimento editorial jovem hegeliano se desenvolve. O filósofo deve ser escritor, e o escritor é desejadamente um *publicista*.

### 3. *Filosofia e vida. A anunciada «praktische Tendenz» do filosofar e o seu evoluir num horizonte estruturalmente teoreticista*

O tema de uma ligação da teoria à vida é, sem dúvida, um dos temas recorrentes em Feuerbach. No entanto, não basta enunciar simplesmente essa referência (ou esse desejo/intenção

(27) Qf Feuerbach, *Brief an Hegel*, 22. November 1828; GW, vol. 17, p. 105.

(28) Cf. Kant, *Kritik der reinen Vernunft*, A 839, B 867.

de referência). Há, obviamente, que considerar o contexto teórico e prático em que se processa, com vista a poder avaliar concretamente do seu alcance.

A ligação à vida, se efectivamente manifesta uma determinada disposição para considerar o relacionamento da actividade espiritual e do viver material, pode, no entanto, representar de facto concepções objectivamente muito diferenciadas, quer nos seus contornos doutrinários, quer nas suas implicações ultimamente práticas.

Em *Abelardo e Heloísa*, por exemplo — publicado em 1834, e em cujo subtítulo figura: «O escritor e o homem» —, Feuerbach fala-nos fundamentalmente de uma ligação à vida como vinculação da obra (literária, artística, filosófica, etc.) ao itinerário quase-biográfico do seu autor.

A obra constitui, assim, peça decisiva na *Bildung* e na *Ausbildung*, na formação e no desenvolvimento da formação, na determinação e configuração do percurso vital do seu autor: «Cada novo escrito é um elo na cadeia das suas metamorfoses, uma época rica de experiência na sua vida» (29).

Algo mais elaborada e com um novo horizonte de aplicação é, sem dúvida, a concepção a que, alguns anos mais tarde, em 1839, Feuerbach faz alusão na sua carta aberta a Karl Riedel.

Neste escrito — que Werner Schuffenhauer e Wolfgang Harich consideram ser «o primeiro documento que dá testemunho do ponto de viragem no desenvolvimento do filósofo, da sua transição da posição de um hegelianismo radicalizado para uma visão do mundo materialista» (30) — Feuerbach aborda explicitamente a questão da *praktische Tendenz* que, em seu entender, deliberadamente acompanha os seus trabalhos.

Esta «tendência prática» é vista como *Beziehung auf das Leben*, como ligação à vida, como *Uebergang in das Leben*, como transição ou passagem à vida, segundo uma dimensão em que não são já apenas os aspectos biográficos autorais que se encontram em jogo.

(29) «Jede neue Schrift ist ein Glied in der Kette seiner Metamorphosen, eine erfahrungsreiche Epoche in seinem Leben.», Feuerbach, *Abälard*; GW, vol. 1, p. 535.

(30) «Das früheste Dokument, das von dem Wendepunkt in der Entwicklung des Philosophen, seinem Uebergang von der Position eines radikalisierten Hegelianismus zur materialistischen Weltanschauung», W. Schuffenhauer e W. Harich, *Vorbemerkung*; Feuerbach, GW, vol. 9, p. VII.

Tal como ele refere:

«As ideias científicas só podem, em geral, transitar para a vida — uma transição que é sempre mediada através da estética — lá onde são de uma ponta à outra desenvolvidas cientificamente... Mas, no entanto, eu nunca perdi de vista — nem nas alturas mais escarpadas da filosofia, nem nos vales mais recuados da história — a *ligação com a vida*, a tendência prática.»<sup>(31)</sup>.

Duas observações há, desde já aqui a reter. Por um lado, a vinculação da passagem à vida à intervenção do «estético», que, por sua vez, remete aqui para uma dupla dimensão: o reconhecimento da importância da mediação artístico-literária na publicitação, na democratização, das ideias científicas e, correlativamente, um primeiro envolvimento da «sensibilidade», do «estético» — que constitui um nível objectivamente teórico, mas que nem se restringe à abstracção especulativa, nem compromete ou empenha uma actividade praticamente, materialmente, transformadora.

A segunda observação aponta, por outro lado, para o peso de que uma vez mais a teoreticidade se reveste na concepção aqui esboçada. A intenção de abertura à vida é manifestamente acompanhada por um constante recurso ao sublinhar da cientificidade, como valor fundamental a ter em conta.

Em articulação com estas observações importará igualmente não esquecer a demarcação que — no seguimento daquilo que vimos expondo — Feuerbach estabelece entre a sua compreensão da *praktische Tendenz* e aquela que alguns outros «jovens escritores» seus contemporâneos lhe estariam a dar.

Novamente irrompe aqui o pendor teoreticista. Feuerbach acentua o aspecto «desinteressado», teórico-científico, da sua pretensão, acabando por associar a *prática*, constitutivamente, a uma dimensão utilitária ou interesseira, em jeito de embrião das concepções que, mais tarde, se virão a manifestar, como veremos, designadamente, em *A essência do cristianismo*.

<sup>(31)</sup> «Die wissenschaftlichen Idee können überhaupt da erst in das Leben übergehen — ein Uebergang, der immer durch die Aesthetik vermittelt ist—, wo sie durch und durch wissenschaftlich ausgebildet sind... Aber gleichwohl habe ich nie — auch nicht auf den steilsten Höhen der Philosophie, auch nicht in den entlegensten Tälern der Historie — die *Beziehung auf das Leben*, die praktische Tendenz aus dem Auge verloren.», Feuerbach, *An Karl Riedel. Zur Berichtigung seiner Skizze* (doravante: *An K. Riedel*); GW, voi. 9, p. 8.

Tal como Feuerbach afirma, ainda nesta carta a Riedel, publicada na revista *Athenäum* de Nürnberg:

«Sem dúvida que eu nunca reconheci, nem reconhecerei, o modo como alguns escritores mais jovens fizeram vigorar a tendência prática na literatura — por muito que eu também o ache justificado em oposição ao pedantismo sábio —, porque ele, *consequentemente* prosseguido, conduz ao aniquilamento do momento mais nobre da actividade científica, do cuidado da ciência *por causa dela própria*, e, por conseguinte, ao utilismo mais comum, mais infame.»<sup>(32)</sup>.

Complemento decisivo desta compreensão feuerbachiana da «tendência prática» das suas obras e dos parâmetros em que se define é, por certo, a sua redução ao domínio do método, isto é, o seu acantonamento, uma vez mais, no terreno teórico-científico.

Praticidade e cientificidade vêm, assim, a coincidir, para Feuerbach.

«a tendência prática que estava na base da minha ‘História’, mas que sem dúvida não salta aos olhos...., coincide com a tendência objectiva, puramente científica. A tendência prática... dos meus escritos manifesta-se já, de resto, no seu método.»<sup>(33)</sup>.

É, pois, neste quadro fundamental que devem ser inseridas e avaliadas as declarações de teor semelhante que quanto à referida *praktische Tendenz* Feuerbach desenvolverá em *A essência do cristianismo*.

Anunciar que se pretende ter em conta, escrevendo sobre os antigos, os novos tempos e os seus condicionalismos, proclamar que a filosofia deverá prosseguir objectivos «terapêuticos

<sup>(32)</sup> «Freilich *die Weise*, wie einige jüngere Schriftsteller die praktische Tendenz geltend machten, habe ich, sosehr ich sie auch im Gegensatz zum gelehrten Pedantismus gerechtfertigt finde, nie anerkannt und werde ich nie anerkennen, weil sie, *konsequent* durchgeführt, auf die Vernichtung des edelsten Momentes der wissenschaftlichen Tätigkeit, der Pflege der Wissenschaft *um ihrer seihst willen*, und folglich auf den gemeinsten, niederträchtigsten Utilismus hinausläuft.» Feuerbach, *An K. Riedel*; GW, voi. 9, pp. 8-9.

<sup>(33)</sup> «die praktische Tendenz, die meiner ‘Geschichte’ zugrunde lag, die aber freilich da nicht in die Augen springt, [...] sie mit der objektiven, rein wissenschaftlichen Tendenz zusammenfällt. Die [...] Praktische Tendenz meiner Schriftstellerei äussert sich übrigens schon in ihrer Methode.» Feuerbach, *An K. Riedel*; GW, voi. 9, p. 9.

ou práticos» (34), é, sem dúvida, manifestar com clareza determinados propósitos de intervenção no quotidiano. Não é, todavia, nem por si só, nem nos termos em que semelhantes declarações são realizadas, elaborar teoricamente a necessidade prática de intervenção material no real.

Referindo-se, precisamente, à concepção expressa nesta passagem de *A essência do cristianismo* — que, como acabamos de assinalar, já pelo menos dois anos antes encontrara um enquadramento bem definido — afirma Enrico Rambaldi a propósito das declarações de Feuerbach quanto ao «interesse prático» da sua obra: «a expressão designa uma política cultural que cada vez mais explicitamente, em Feuerbach e nos outros [jovens hegelianos], assumia o aspecto de um ‘novo iluminismo’, e não designa nem uma *filosofia da prática* — como significará em Feuerbach depois de 1841 —, nem um *empenhamento político revolucionário* — que em Feuerbach nunca existirá» (35).

Creio que no fundamental Rambaldi terá razão quanto a este ponto preciso. No entanto, resta ainda considerar mais de perto o que venha a ser a «filosofia da praxis» de Feuerbach do período 1842-1843 (a que adiante nos referiremos) e salvaguardar, por outro lado, a motivação efectiva desencadeada pelo pensamento feuerbachiano em outros jovens autores, no sentido de aprofundarem o tema da prática, designadamente, no que se refere às suas implicações políticas.

Neste particular, a filosofia de Feuerbach acabou por suscitar desenvolvimentos que foram muito para além das inten-

(34) Referindo-se a si próprio enquanto autor, Feuerbach afirma:

«quando ele escreve sobre o tempo antigo, não é no antigo, mas *no* tempo novo e *para o* tempo novo que escreve...., não perde portanto de vista o espectro moderno ao considerar a sua essência originária...., o conteúdo deste escrito é patológico ou fisiológico, mas, todavia, simultaneamente, o seu objective é *terapêutico* ou *prático*.».

«wenn er aus der alten Zeit heraus schreibt, darum noch nicht in der alten, sondern *in* der neuen Zeit und *für* die neue Zeit schreibt, .... er also das moderne Gespenst nicht ausser Augen lässt, während er sein ursprüngliches Wesen betrachtet...., der Inhalt dieser Schrift ein pathologischer oder physiologischer, aber *doch* ihr Zweck zugleich ein therapeutischer oder praktischer ist.», Feuerbach, *Das Wesen des Christentums* (doravante: WC), Vorwort; GW, vol. 5, p. 8.

(35) «l'espressione designa una politica culturale che sempre più esplicitamente, in Feuerbach e negli altri, assumeva l'aspetto di un 'nuovo illuminismo', e non designa né una *filosofia della prassi* — come in Feuerbach significherà dopo il 1841 —, né *impegno politico rivoluzionario* — come in Feuerbach non sera mai.», E. Rambaldi, *La Critica Antispeculativa di L. A. Feuerbach*, Firenze, La Nuova Italia, 1966, p. 50.

ções que originariamente estariam no horizonte do seu autor <sup>(36)</sup>. As razões deste facto não são de natureza exclusivamente teórica ou cultural. Prendem-se, nomeadamente, com a maturação das próprias condições históricas, não apenas da Alemanha, mas também da França e da Inglaterra. Os itinerários do pensamento jovem hegeliano no *Vormärz* desenham-se sobre este pano de fundo inapagável.

O pendor teoreticista da concepção feuerbachiana da praxis assinala-se não apenas ao nível da sua determinação doutrinária, como também no quadro de uma autoconsciência ou de um projecto de vida deliberadamente assumido.

Creio que mais do que de *hesitação* de Feuerbach relativamente à prática — um pouco a *schwankende Haltung*, a atitude oscilante, de que Rawidowicz se faz eco e proponente <sup>(37)</sup> — se deverá falar de uma concepção da acção, da intervenção activa na vida, que sobrevaloriza decididamente a modalidade teórica dessa presença, corporizando-a — se não exclusivamente, pelo menos, sem dúvida, primordial e preferencialmente — na escrita, na elaboração científica.

<sup>(36)</sup> É, por exemplo, neste contexto que serão de avaliar as repetidas afirmações de Franz Mehring acerca da activa participação de Feuerbach nas grandes batalhas ideológicas do seu tempo, mesmo apesar de viver retirado no campo após a sua saída da docência na Universidade de Erlangen. Escreve Mehring:

«Decisivo foi que Feuerbach, apesar da sua vida rural, participou, na primeira linha, no grande combate do tempo.»

«Entscheidend war, dass Feuerbach trotz seines ländlichen Lebens den grossen Kampf der Zeit in vorderster Reihe mitkämpfte.», F. Mehring, *Ludwig Feuerbach; Gesammelte Schriften*, ed. T. Höhle, H. Koch, J. Schleifstein, Berlin, Dietz, 1961, vol. 13, p. 115. Veja-se também: F. Mehring, *Karl Marx. Geschichte seines Lebens*, Berlin, Dietz, 1983<sup>5</sup>, pp. 62-63.

Só urna manifesta incompreensão do alcance ideológico do político e o desejo constante de desculpabilizar Feuerbach de quaisquer «maus passos» ou «más companhias», burguêsmente censuráveis, podem levar Rawidowicz a tanto insistir em que:

«A força polémica de Feuerbach atingiu as suas formas criadoras exclusivamente em controvérsias teológicas, em parte também em [controvérsias] especulativas. Ao político, nunca ele se arriscou.»

«Feuerbachs polemische Kraft hat ihre schöpferischen Formen ausschliesslich in theologischen, teils auch in spekulativen Kontroversen erreicht. Ins Politische hat er sich nie getraut.», S. Rawidowicz, *Ludwig Feuerbachs Philosophie. Ursprung und Schicksal*, Berlin, W. de Gruyter, 1964<sup>2</sup>, p. 313.

<sup>(37)</sup> Cf. S. Rawidowicz, *Ludwig Feuerbachs Philosophie. Ursprung und Schicksal*, Berlin, W. de Gruyter, 1964<sup>2</sup>, p. 307.

Feuerbach não afirma que a intervenção prática não é necessária. Identifica-a é com uma intervenção que, apesar de tudo, permanece confinada à teoria, ainda que uma teoria comunicada ou publicada.

Desde cedo é esta, aliás, a imagem que o próprio Feuerbach faz e dá de si próprio, aquela segundo a qual ele próprio se pretende moldar. Tal como escreve em carta a uma irmã:

«Tenho, com efeito, uma inclinação para a meditação, isto é, não quero separar o meu actuar para outrem do meu actuar para mim, quero apenas ser útil aos outros de tal modo que simultaneamente seja útil a mim mesmo, isto é, a formação [*Ausbildung*] do meu espírito, o desenvolvimento das minhas poucas aptidões é o meu objectivo de vida..... Mas eu também tenho uma inclinação para a partilha [comunicação] e, em geral, para a vida prática, quando não se perde demasiadamente em absoluta banalidade [falta de espírito], em mecanismo e em esferas que, em geral, me são absolutamente contrárias.»<sup>(38)</sup>.

A referência complementar a que também terá mostrado «in gewissen Perioden einen gewissen Hang zur Libertinage», em certos períodos uma certa inclinação para a libertinagem, pode inegavelmente emprestar mais verdade à confissão dos seus pendores de juventude, mas não altera em nada o nítido sublinhar da *Meditation* como elemento decisivo na *Ausbildung des Geistes*.

Atente-se ainda em que a «vida prática» aparece estreitamente associada à *Mitteilung*, à partilha, à comunicação.

Este traço que seguramente permite detectar toda uma génese da temática feuerbachiana da intersubjectividade — cuja raiz remonta, porventura, ao impacte de Fichte, e cujos desenvolvimentos não deverão igualmente deixar de ser considerados como antepassados (conscientemente assumidos, ou não) de determinados intentos contemporâneos de associar/identificar a praxis com um comportamento «comunicativo» (bastaria recordar aqui Merleau-Ponty, Jürgen Habermas ou Alfred

<sup>(38)</sup> «Ich habe zwar einen Hang zur Meditation, d. h. ich will das Wirken für andere nicht von dem Wirken für mich abtrennen, ich will nur ändern so nützen, dass ich mir zugleich selbst nütze, d. i. die Ausbildung meines Geistes, die Entwicklung meiner wenigen Anlagen ist mein Lebenszweck.... Aber ich habe ebenso einen Hang zur Mitteilung und überhaupt zum praktischen Leben, wenn es sich nicht zu sehr in absolute Geistlosigkeit, in Mechanismus und mir überhaupt absolut zuwider Sphären verliert.», Feuerbach, *Brief an Helene von Dobeneck, Anfang 1833*; GW, voi. 17, p. 150.

Schmidt (39) ) —, mas simultaneamente limita, em termos significativos, o verdadeiro alcance da prática que nos é proposta.

Alguns anos volvidos, Feuerbach torna a confessar, desta vez ao irmão Eduard, que o *Lebenszweck*, que o seu objectivo) de vida, é fundamentalmente manter-se *tätig in der Wissenschaft* (40), activo na ciência, mesmo na sequência das portas da Universidade alemã se lhe estarem a fechar.

O interesse dominante da sua vida continua a ser inequivocamente um interesse teórico:

«O impulso fundamental da minha natureza é o impulso para o conhecimento, todos os outros impulsos apenas brincam como crianças à volta do pai.» (41).

Este privilegiar da dimensão teórica não é exclusivamente resultado de disposições meramente pessoais, psicológicas. Tem também a ver com toda uma compreensão do fundamento último dos problemas com que o viver — designadamente, social e político — se defronta.

A primordialidade conferida por Feuerbach à teoria prende-se directamente com o papel que à mesma teoria é atribuído. Para Feuerbach, a raiz da problemática social e política encontra-se fundamentalmente no terreno da ideologia. É por isso que a crítica do existente tem de revestir centralmente a forma de uma crítica da teologia.

(39) Como Merleau-Ponty refere:

«O sentido profundo, filosófico, da noção de praxis é o de nos instalar numa ordem que não é a do conhecimento, mas a da comunicação, da troca, da convivência [*fréquentation*]/I.»,

«Le sens profond, philosophique, de la notion de praxis est de nous installer dans un ordre qui n'est pas celui de la connaissance, mais celui de la communication, de l'échange, de la fréquentation.», M. Merleau-Ponty, *Les aventures de la dialectique*, Paris, Gallimard, 1977<sup>2</sup>, p. 78.

Veja-se também: J. Habermans, *Theorie und Praxis*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1982<sup>3</sup>, pp. 425-428 e A. Schmidt, «Praxis», *Kritische Theorie. Humanismus. Aufklärung*, Stuttgart, Reclam, 1981, p. 110-164.

Sobre esta problemática, pode ver-se ainda o meu artigo: «O conceito de 'praxis' para Merleau-Ponty», a publicar na revista *História e Filosofia*, vol. IV.

(40) cf Feuerbach, *Brief an Eduard Feuerbach*; GW, voi. 17, p. 292.

(41) «Der Grundtrieb meiner Natur ist der Erkenntnistrieb, alle anderen Triebe spielen nur wie Kinder um ihren Vater herum.», Feuerbach, *Brief and Christian Kapp*, 1. November 1837; GW, voi. 17, p. 303.

Como Feuerbach afirma em carta a Arnold Ruge, em 1839, numa passagem que será retomada em 1841 numa rubrica dos *Höllische Jahrbücher*:

«Qual é o fundamento último da nossa não-liberdade espiritual e política? *As ilusões da teologia.*» (42).

Aliás, a compreensão feuerbachiana das relações entre a teoria e a prática não deixa, por outro lado, de manifestar igualmente traços de natureza materialista. Há, efectivamente, contextos em que Feuerbach acentua o primado do viver relativamente ao pensar, e inclusivamente o seu poder determinante.

Ao analisar as razões que em seu entender se encontram na origem da falta de fé, Feuerbach sublinha claramente a importância decisiva da perspectiva da acção. Em *Sobre filosofia e cristianismo*, um escrito de polémica contra os ataques de que os hegelianos eram alvo, designadamente, por parte de Heinrich Leo, pode ler-se:

«Mas, meus senhores, a fonte da incredulidade [da falta de fé, *Unglauben*] é precisamente a contradição da vida com a fé. Primeiro, a fé é refutada pela acção, e só então pelo pensamento. Nos homens, a razão vem sempre só atrás, depois dos actos.» (43).

Em contrapartida, outras passagens há — pertencentes tanto a períodos anteriores como subsequentes a este que consideramos presentemente — em que a teoria é novamente colocada numa posição de fundamental destaque.

Numa recensão crítica de 1838, deparemos com um conjunto de afirmações onde, num quadro categorialmente confuso em tomo da questão do idealismo, se procede a um franco privilegiar dos legisladores — aqueles que criativamente instituem uma novidade teórica, chamada a ter as maiores repercussões — sobre os executores (44). Os termos e o contexto em

(42) «Was ist der letzte Grund unserer geistigen und politischen Unfreiheit? *Die Illusionem der Theologie.*», Feuerbach, *Brief an Arnold Ruge, November 1839*; GW, voi. 17, p. 383. Veja-se também: Feuerbach, *Das Pathos der Kritik und die Kritik der unreinen Vernunft*; GW, voi. 9, pp. 80-81.

(43) «Aber, meine Herren, die Quelle des Unglaubens ist eben der Widerspruch des Lebens mit dem Glauben. Erst wird der Glaube durch die *Handlung*, dann erst durch den *Gedanken* widerlegt. Die Vernunft kommt bei dem Menschen immer erst hintendrein, nach der Tat.», Feuerbach, *Ueber Philosophie und Christentum in Beziehung auf den der Hegelschen Philosophie gemachten Vorwurf der Unchristlichkeit* (doravante: PhCh); GW, voi. 8, p. 278.

(44) Cf. Feuerbach, *Zur Kritik des Empirismus*; GW, voi. 8, p. 168.

que esta circunstância ocorre facilmente deixam entrever uma radical desvalorização da prática e uma incapacidade de a pensar dentro de moldes mais ricos do que os do mero utilitarismo ou da execução mecânica.

Por sua vez, em 1843, num aditamento para a segunda edição de *A essência do cristianismo* (igualmente conservado na terceira edição, de 1849), Feuerbach tratará também de precisar que, no fundo, a teoria «é a fonte da verdadeira prática objectiva»<sup>(45)</sup>.

Estaremos, uma vez mais, em presença de hesitações, incongruências ou contradições, características de um pensamento algo leviano em termos de sistematicidade, ou demasiado pouco cuidadoso e exigente no que se refere ao rigor da expressão conceptual? Creio que não.

Trata-se, porventura, apenas de sintomas daquilo que me parece ser uma conclusão que a pouco e pouco se nos vai impondo.

Feuerbach utiliza em múltiplas acepções o conceito de «praxis». Feuerbach tem em diferentes contextos, em referência a diferentes e determinadas questões particulares, diversas teorias da «praxis» — dentro dos seus limites de funcionamento, relativamente estáveis e coerentes, até mesmo ao longo de fases do seu pensamento onde algumas transformações significativas se processam, como, por exemplo, no que diz respeito à avaliação que ele leva a cabo do idealismo, da sensibilidade, da Natureza, etc.

*Feuerbach não tem, todavia, uma concepção unitária da prática, que permita que esse conceito desempenhe verdadeiramente o papel de categoria central no dispositivo teórico geral de que articuladamente o seu pensamento faz uso.*

4. *Prática e usitação. Uma certa habilidade comportamental. A oposição das «palavras» e dos «actos». Uma associação indeterminada ao viver*

A partir do estudo de uma amostra representativa de passagens em que Feuerbach utiliza o conceito de «praxis» podemos com segurança detectar algumas linhas mestras das suas intenções significativas.

Num primeiro nível, ainda não muito elaborado em termos de teoria, verificamos que a prática e o «prático» surgem

<sup>(45)</sup> «Die Quelle der wahren objektiven Praxis», Feuerbach, WC; GW, voi. 5, p. 319.

com frequência associados a uma sinalização do «vivo», por contraposição àquilo que está morto ou já não está mais em voga ou em curso. A «prática» é, assim, correlativa de uma determinada usitação.

Por exemplo, no quadro de um estudo comparativo do impacte social do cristianismo, Feuerbach refere-nos que ele outrora poderá ter sido «eine lebendige, praktische Wahrheit» (46), uma verdade prática, viva, não lhe correspondendo hoje, todavia, — designadamente, no que ao conjunto dos seus «mistérios» concerne — mais do que uma «dogmatische, nicht mehr praktische Bedeutung» (47), uma significação dogmática e não mais prática.

Em conformidade, o cristianismo tornou-se algo *ausser Praxis*, algo que saiu da prática, uma vez que quotidianamente surge negado e contradito nos actos, muitas vezes, daqueles que precisamente em teoria mais se apressam a ser os seus arautos ou a defender as suas virtudes.

Aludindo à «indignação» com que os representantes da teologia oficial receberam a primeira edição de *A essência do cristianismo*, pretextando inclusivamente que o seu conteúdo seria estranho à religião cristã, Feuerbach comenta:

«O cristianismo, contudo, caiu tanto de porte e ficou tão fora de prática [de uso] que mesmo os representantes oficiais e sábios do cristianismo, os teólogos, já nem sequer sabem, ou pelo menos querem saber, o que o cristianismo é.» (48).

No entender de Feuerbach, é precisamente esta fragilidade vital, esta debilidade «prática» do cristianismo que leva a que o poder temporal tenha cada vez mais que recorrer à força para manter não apenas a ordem, mas igualmente os príncipios, dentro dos «Estados cristãos». Estar fora de uso ou fora de «prática» é, efectivamente, nesta acepção carecer de *Lebenskraft*, de força vital (49).

(46) Cf. Feuerbach, WC; GW, vol. 5, p. 238.

(47) Cf. Feuerbach, WC; GW, vol. 5, p. 245.

(48) «Ist doch das Christentum so sehr ausser Art geschlagen und ausser Praxis gekommen, dass selbst die offiziellen und gelehrten Repräsentanten des Christentums, die Theologen, nicht einmal mehr wissen oder wenigstens wissen wollen, was Christentum ist.», Feuerbach, WC; GW, vol. 5, p. 13.

(49) Pergunta Feuerbach.

«Qual é o sinal mais seguro de que uma religião já não possui nenhuma força interior de vida? [E] quando os príncipes do mundo lhe dão o braço para a pôr de novo nas pernas.»

«Was ist das sicherste Zeichen, dass eine Religion keine innere

Por outro lado, o cristianismo também pode ser *praktisch und weltklug* <sup>(50)</sup>, isto é, «prático» e com *savoir-faire*, com uma inteligência ou esprezeza mundanas, que lhe permitem simultaneamente pregar a *liberdade* relativamente aos bens deste mundo e reconhecer que ela consiste precisamente na posse e no gozo desses bens.

Deparamos aqui, portanto, com um novo matiz — algo pejorativo, como outros igualmente serão — da praxis. O «prático» tem a ver com um saber comportar-se nos meandros deste mundo, no sentido de se conseguir alcançar o que se pretende de uma maneira eficaz e não muito frontal.

O «prático» aparece-nos assim naturalmente associado ao «tacto», a um tacto «político» mesmo:

«Só quem *em teda a parte* se mantém no ponto de vista do tempo e do espaço, tem também na vida *tacto* e *entendimento prático*. Espaço e tempo são os primeiros critérios da prática.» <sup>(51)</sup>.

Esta última afirmação merece, no entanto, um comentário breve.

À primeira vista, tratar-se-ia apenas de uma recorrência do tema — materialista — de Feuerbach, segundo o qual o ser carece decisivamente de uma determinação espácio-temporal, susceptível de o diferenciar ontologicamente do meramente pensado. «*Espaço\** e *tempo* são as formas de existência de todo o ser. Só a existência no espaço e no tempo é *existência*» <sup>(52)</sup>.

E, em parte, assim é. Simplesmente, esta base espácio-temporal não nos surge aqui a delimitar os parâmetros de uma intervenção materialmente transformadora da prática. Surge-mos tão-só a alertar para que uma «praxis» dotada de *tacto* precisa obrigatoriamente de não perder de vista os condicio-

Lebenskraft mehr besitzt? Wenn ihr die Fürsten der Welt ihren Arm bieten, um sie wieder auf die Beine zu bringen.», Feuerbach, *Fragmente zur Charakteristik meines philosophischen curriculum vitae* (doravante: *Fragmente*); GW, vol. 10, p. 175.

<sup>(50)</sup> Cf. Feuerbach, WC; GW, voi. 5, p. 285.

<sup>(61)</sup> «Nur wer *überall* auf dem Standpunkte der Zeit und des Raums steht, hat auch im Lebern *Takt* und *praktischen Verstand*. Raum und Zeit sind die ersten Kriterien der Praxis.», Feuerbach, *Vorläufige Thesen zur Reformation der Philosophie* (doravante: *Vorläufige...*); GW, voi. 9, p. 252.

<sup>(62)</sup> «*Raum* und *Zeit* sind die Existenzformen alles Wesens. Nur die Existenz im Raum und Zeit ist *Existenz*.», Feuerbach, *Vorläufige...*; GW, voi. 9, p. 252.

Cf. também: Feuerbach, *Grundsätze der Philosophie der Zukunft* (doravante: *Grundsätze*), § 45; GW, voi. 9, pp. 326-328.

namentos reais, isto é, as diferentes situações concretas em presença.

É no quadro desta mesma acepção fundamental do «prático» que Feuerbach, por exemplo, poderá confessar a Ruge que «*Das Wort Atheismus ist ganz unpraktisch*»<sup>(53)</sup>, que a palavra ateísmo é totalmente «imprática», dada a reacção negativa que desperta nas pessoas, sendo, por conseguinte, preferível — isto é, sendo mais «prático» — substituí-la pela palavra «*Anthropotheismus*», antropoteísmo.

O mesmo se verifica com a outra famosa afirmação de que «a teologia é para a Alemanha o único veículo, prático e com sucesso, da política, pelo menos à primeira vista»<sup>(54)</sup>.

Para além de razões teóricas, a que já aludimos anteriormente relativos ao lugar central conferido por Feuerbach à teologia na determinação e crítica da situação alemã<sup>(55)</sup>, claramente se evidencia aqui a associação do «prático» àquilo que tem ou poderá ter êxito.

O «prático» para Feuerbach conhece igualmente um outro contexto significativo no âmbito da tradicional (e não muito trabalhada) contraposição de «teoria» e «prática».

Os homens são *in der Praxis* o contrário daquilo que são *in der Theorie*, e, portanto, se se pretende o amor, talvez se devesse pregar o ódio. Por sua vez, também os alemães padecem de fortes contradições entre aquilo que têm ou julgam ter *im Wort, in Gedanken, im Geiste, auf dem Papier* — em palavras,

<sup>(53)</sup> Cf. Feuerbach, *Brief an Arnold Ruge*, 2. März 1842; *Sämtliche Werke*, ed. W. Bolin e H.-M. Sass (doravante: SW), Stuttgart — Bad Cannstatt, Frommann Verlag — Günter Holzboog, 1964, voi. XIII, p. 393.

<sup>(54)</sup> «die Theologie ist für Deutschland das einzige praktische und erfolgreiche Vehikel der Politik, wenigstens zunächst.», Feuerbach, *Brief an Arnold Ruge*, 10. März 1843; SW, voi. XIII, p. 120.

<sup>(55)</sup> Embora na aparência as palavras de Marx sejam muito semelhantes e contenham manifestamente referências à temática feuerbachiana — «No que toca à Alemanha, a crítica da religião no essencial está terminada, e a crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica.»

«Für Deutschland ist die Kritik der Religion im wesentlichen beendet, und die Kritik der Religion ist die Voraussetzung aller Kritik.», Marx, *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie. Einleitung*; MEW, voi. 1, p. 378 — o seu alcance teórico é já acentuadamente diverso.

Nem *Voraussetzung* (pressuposto) é a mesma coisa que *Grund* (fundamento), já que uma condição prévia não é necessariamente o fundamento, nem a crítica da teologia reconhecida como pressuposto é apontada como terreno privilegiado para o travar dos combates contra a velha ordem feudal. A crítica da religião está acabada; a passagem à prática remete para um outro tipo de intervenção, e para outros intervenientes também.

no pensamento, no espírito, no papel — e aquilo que na verdade têm *in der Tat, in den Sinnen, im Fleische, in der Wirklichkeit* <sup>(56)</sup> — em factos/actos, nos sentidos, na carne, na realidade.

Afirma-se ou nega-se por conseguinte, *praktisch* — praticamente — aquilo que se afirma (ou nega) *durch die Tat* <sup>(57)</sup>, em actos, em feitos, por oposição às meras intenções.

Daqui a dedução de uma compreensão da praxis — mais implícita do que propriamente desenvolvida — segundo a qual ela acaba por se impor, tanto positiva como negativamente, à mera representação, assumindo-se, deste modo, como terreno efectivamente privilegiado.

«Aquilo que se corrobora na prática não se pode negar na teoria, sem se carregar aos ombros uma contradição insuportável.» <sup>(58)</sup>,

Por outro lado, e quase simetricamente:

«Aquilo que se nega praticamente não tem mais nenhum fundamento verdadeiro e subsistência para o homem, é apenas um espectro da representação.» <sup>(59)</sup>.

Seja como for, estas equações feuerbachianas da prática e do viver intervêm sempre num horizonte de grande indeterminação quanto ao conteúdo real destas categorias.

Claro fica apenas que se trata de uma oposição — tendencialmente: «sensível», «estética» — à mera idealidade representativa.

Não basta, efectivamente, fazer corresponder à expressão *im Lehen*, na vida, a expressão *in der Praxis* <sup>(60)</sup>, na prática, ou traduzir o latino *in praxi* pelo alemão *im Lehen*, como acontece na versão da terceira edição de *A essência do cristianismo*, preparada por Feuerbach e publicada em 1849 <sup>(61)</sup>, para poder-

<sup>(56)</sup> Cf. Feuerbach, *Fragmente*; GW, voi. 10, p. 177.

<sup>(57)</sup> Cf., por exemplo, Feuerbach, WC; GW, vol. 5, p. 50 e *Grundsätze*, § 15; GW, vol. 9, p. 286.

<sup>(58)</sup> «Was man in praxi bekräftigt, kann man in der Theorie nicht verleugnen, ohne sich einen unerträglichen Widerspruch auf die Schultern zu laden.», Feuerbach, *Beleuchtung einer theologischen Rezension über «Das Wesen des Christentums»* (doravante: *Beleuchtung*): GW, voi. 9, pp. 200-201.

<sup>(59)</sup> «Was man praktisch negiert, hat keinem wahren Grund und Bestand mehr im Menschen, ist nur noch ein Gespenst der Vorstellung.», Feuerbach, WC; GW, voi. 5, p. 246.

<sup>(60)</sup> Cf. Feuerbach, *Pierre Bayle*; GW, voi. 4, p. 355 e WC; GW, voi. 5, p. 592, etc.

<sup>(61)</sup> Cf. Feuerbach, WC; GW, voi. 5, p. 246.

mos afirmar com clareza quais os reais contornos da concepção da actividade humana em cuja presença nos encontramos.

Que é, na verdade, esta «praxis» que nos aparece intimamente ligada ao viver? Como se determina? Que reais implicações possui para uma compreensão e para uma intervenção no próprio real que visa pensar?

Estas e outras questões necessariamente se levantam, até porque a equação da vida e da prática aparece, por vezes, estendida a outros elementos.

Na segunda edição de *Das Wesen des Christentums*, por exemplo, a dado passo a equivalência que parece sugerir-se é a seguinte: «im Leben, in der Praxis, in der Moral» (62), na vida, na prática, na moral.

Há, pois, que considerar este novo aspecto da questão.

### 5. O «prático» e a ordem moral. A praxis no horizonte da subjectividade

Chegamos, assim, a um dos núcleos fundamentais a partir dos quais o conceito de «praxis» funciona no pensamento de Feuerbach. Trata-se, na verdade, da sua associação ao domínio da ética e da moral, na sequência, aliás, do que era uma compreensão tradicional do termo na órbita do idealismo alemão, particularmente, na senda de Kant (63).

Nestes moldes, também para Feuerbach *ein praktisches Prinzip*, um princípio prático, é «ein die Handlungen bestimmendes Moralprinzip» (64), um princípio moral que determina as acções. Na mesma ordem de ideias, a moral pode também aparecer como *praktische Realisierung*, como realização prática, de uma intuição religiosa (65), isto é, como realização ética, numa esfera de interioridade, de algo a que igualmente poderá corresponder uma determinada representação religiosa.

A prática vê-se, assim, afectada por uma constitutiva dimensão ética de intimidade. A actividade para que remete será, então, fundamentalmente, a actividade interior, vivenciada, que se contrapõe à exterioridade, mais ou menos indiferente, daquilo que, porque não é assumido interiormente, pode valer como mero objecto de contemplação unicamente teórica.

(62) Cf. Feuerbach, WC; GW, vol. 5, p. 591.

(63) Sobre esta problemática, pode ver-se, por exemplo, o meu estudo: «A Praxis para Kant», in *Kant*, ed. J. Barata-Moura, Lisboa, Faculdade de Letras, 1982, pp. 133-177.

(64) Cf. Feuerbach, WC; GW, vol. 5, p. 239.

(65) cf. Feuerbach, *Beleuchtung*; GW, vol. 9, p. 202.

A equação do «prático» e do religioso — que frequentemente ocorre em Feuerbach — acusa os seus contornos precisamente neste domínio. O «religiöses oder praktisches» <sup>(66)</sup>, o religioso ou prático, define finalmente a sua equivalência mediante a intervenção do plano moral. O domínio do «religioso» tem a ver com o do «prático» precisamente porque ambos coincidem no terreno íntimo da eticidade.

É talvez por isso que num aforismo destinado a caracterizar biograficamente a sua evolução, e respeitante ao período que circunda a composição de *A essência do cristianismo*, Feuerbach escreve:

«A religião foi para mim um objecto da prática, antes de se me ter tornado um objecto da teoria.» <sup>(67)</sup>.

Esta religião como objecto de prática não tem aqui imediatamente a ver com a problemática, por exemplo, do culto ou das manifestações exteriores, públicas, colectivas, de adoração ou celebração religiosa.

Tem sim a ver com a vivência íntima, com a elaboração interior, de todo um conjunto de questões. Como ele também refere e nesta mesma passagem: «ich habe die Religion nicht nur aus Büchern studiert», eu não estudei a religião apenas a partir de livros.

Uma vez mais, é o terreno da interioridade que vem para primeiro plano como campo onde a questão da prática radica e fundamentalmente se decide.

É precisamente neste quadro problemático que o «prático» pode agora aparecer associado ao «subjectivo», como por exemplo passa a acontecer sistematicamente nos aditamentos introduzidos por Feuerbach para a segunda edição de *Das Wesen des Christentums*.

De facto, de cada vez que Feuerbach se refere ao ponto de vista (*Standpunkt*) essencialmente «prático» da religião, logo acrescenta: «isto é, subjectivo» <sup>(68)</sup>.

Esta vinculação do prático à interioridade e à subjectividade levanta, pelo menos, duas ordens de observações, tendentes a melhor precisar o seu sentido e a tentar discernir, não só

<sup>(66)</sup> Cf. Feuerbach, por exemplo, *Grundsätze*, § 2; GW, vol. 9, p. 265 e *Ueber das «Wesen des Christentums» in Beziehung auf Stirners «Der Einzige und sein Eigentum»*; GW, vol. 9, p. 430.

<sup>(67)</sup> «Die Religion war für mich ein Objekt der Praxis, ehe sie mir zu einem Objekt der Theorie wurde.», Feuerbach, *Fragmente*; GW, vol. 10, p. 172.

<sup>(68)</sup> Cf. Feuerbach, WC; GW, vol. 5, pp. 316, 319.

os elementos que integram o complexo de significações que lhe diz respeito, como ainda as suas implicações.

Por um lado, a associação à interioridade remete a actividade fundamentalmente para o foro íntimo da vivência moral, no quadro, designadamente, de uma empobrecedora antropologia da individualidade. O «subjectivo» é não só «interior» como também «singular»:

«A religião considera, portanto, as coisas apenas do ponto de vista prático. Mesmo o homem, para ela, é objecto apenas como sujeito prático, moral; por isso, não no seu género, não tal como ele na *essência* é, mas apenas na sua individualidade limitada, necessitada.»<sup>(69)</sup>.

Por outro lado, esta referência do «prático» a subjectividade joga igualmente com uma quase imperceptível transferência de sentido entre o que é meramente objecto de consciência moral (*Gewissen*) e aquilo que é *facto*, porque é, de algum modo, feito ou fabricado (*Tatsache*).

Assim, no quadro do objectivismo característico da religião — «A fé na revelação é o ponto culminante do objectivismo religioso»<sup>(70)</sup> — a «coisa prática» devém mera «coisa da consciência moral».

«Para o espirito [Gemüt] religioso uma coisa em si teórica é uma [coisa] prática, uma coisa da consciência [moral] — um facto [*Tatsache*].»<sup>(71)</sup>.

O *Tatsache* é, no fundo, um objecto ideal — *Vernunftgegenstand*, objecto de razão, também lhe chama Feuerbach — que se transforma em *Gewissenssache*, em coisa de consciência (moral), em objecto obrigatório de crença, em virtude de um poder magicamente sensível, ilegítimo, sem qualquer outro fundamento que não seja a projecção especulativa que lhe outorga uma ficção de objectividade.

O «prático» assume neste contexto a dupla coloração daquilo que é efectivamente interior e daquilo também que, de

<sup>(69)</sup> «Die Religion betrachtet also die Dinge nur von dem praktischen Standpunkt aus. Selbst der Mensch ist ihr nur als praktisches, moralisches Subjekt, darum nicht in seiner Gattung, nicht, wie er im *Wesen* ist, sondern nur in seiner beschränkten, bedürftigen Individualität, Gegenstand.», Feuerbach, WC; GW, voi. 5, p. 331.

<sup>(70)</sup> «Der Offenbarungsglaube ist der Kulminationspunkt des religiösen Objektivismus.», Feuerbach, WC; GW, voi. 5, p. 347.

<sup>(71)</sup> «Dem religiösen Gemüt ist eine an sich theoretische Sache eine praktische, eine Gewissenssache — eine *Tatsache*.», Feuerbach, WC; GW, voi. 5, p. 347.

certo modo, é resultado de urna actividade mitificadora, hipostasiadora, materialmente infundada.

É por isso igualmente que o ponto de vista da religião ao ser essencialmente «prático» não considera as coisas «em si mesmas», tal como são para a teoria — isto é, tal como se oferecem a uma atenção contemplativa desinteressada que se abra ao seu impacte em amorosa passividade —, mas, sim, segundo a perspectiva de uma relação com a finalidade moral (72).

A subjectividade da prática aparece-nos, assim, contaminada, segundo Feuerbach, por uma certa dose de egoísmo ou de parcialidade que tendem a sacrificar ao interesse finalista — mesmo quando interior — o respeito «patológico» pelo que naturalmente nos está dado e, portanto, pode e deve ser objecto de contemplação/aceitação.

Desenha-se aqui, pois, uma distinção feuerbachiana entre *Moralität* e *Sittlichkeit* — teoricamente não tão elaborada como, por exemplo, em Kant ou em Hegel — que aponta, todavia, no sentido da diferenciação entre a acção espiritual livre (de origem e determinação radicalmente interiores), gratuita, não interessada, e que, portanto, pode efectivamente constituir-se como actividade teórica por excelência, e uma actividade que, mesmo quando decorra no âmbito da consciência moral (portanto, de uma subjectividade moral), não deixa, no entanto, de se apresentar, ao menos potencialmente, como violentadora do naturalmente dado, do sensivelmente experimentado.

O ético aparece-nos, assim, pensado por Feuerbach como uma radicação íntima da própria teoria:

«Onde a ciência brota do interior, onde a ocupação com ela é um acto de liberdade e amor, aí também ela será sempre sentida como *uma força ética.*» (73).

É, pois, neste enquadramento teórico que Feuerbach nos pode também afirmar que «a tarefa teórica da humanidade é idêntica com a sua [tarefa] ética» (74).

A coincidência do «prático» e do «ético» opera-se aqui, uma vez mais, por mediação e no elemento determinante

(«) Cf. Feuerbach, WC; GW, vol. 5, p. 319.

(73) «Wo die Wissenschaft aus dem Innern entspringt, wo die Beschäftigung mit ihr ein Akt der Freiheit und Liebe ist, da wird sie immer auch als eine sittliche Kraft empfunden.», Feuerbach, *Betrachtungen über den Begriff des sittlichen Geistes*, Von Bayer; GW, vol. 9, p. 85.

(74) «Die theoretische Aufgabe der Menschheit ist identisch mit ihrer sittlichen.», Feuerbach, *Zur Beurteilung des Wesen des Christentums*» (doravante: *Zur Beurteilung*); GW, vol. 9, p. 233.

da «teoria». É ela que originariamente define os parâmetros fundamentais do seu funcionamento. A prossecução da ciência — como acto de liberdade e «pathos» de sensibilidade racionalmente elaborada — radica numa autonomia de destinação e impõe uma responsabilidade.

6. *Um horizonte pejorativo para a determinação da «praxis». Estreiteza de vistas e incultura como características possíveis do «prático». A coloração sórdida da «praxis»: egoísmo e utilitarismo*

Este funcionamento teórico da «praxis» tal como Feuerbach a entende na órbita da moral e da religião se, por um lado, nos remete, como vimos, para o domínio da interioridade, obriga-nos, por outro, a não esquecer a forte carga pejorativa que ao «prático» também é associada em diversos e importantes desenvolvimentos feuerbachianos.

Assim, por exemplo — e seguindo, aliás, uma significação corrente ainda nos nossos dias — os «práticos» são simplificada-mente identificados aos pragmáticos, aos agentes precipitados que em virtude de poderosas deficiências de natureza teórica e reflexiva não conseguem jamais ultrapassar o tacanho marco das «vistas curtas».

«o que hoje vale para os práticos de vistas curtas, pouco corajosos, como fantasia, como ideia nunca realizável, mesmo como mera quimera, estará aí já amanhã, isto é, no próximo século.... em plena realidade.»<sup>(75)</sup>.

Neste sentido, a vida «prática» é um fluir apressado onde o tempo escasseia para quaisquer veleidades de aprofundamento teórico do real, onde esse mesmo aprofundamento deverá ser encarado como «desperdício» ou «luxo», se é que não como puro «delírio» fantástico.

A este apego mesquinho e imediatista, «positivista», à «vida prática» — sob certos aspectos, tão característico de determinadas variações ideológicas da pequena burguesia, da *Spiessbürgertum* — falta a dimensão da pergunta pelo essencial, que envolve não apenas a presença da vivência, mas ainda *por acréscimo* a reflexividade da teoria.

<sup>(75)</sup> «was den kurzsichtigen, kleinmütigen Praktikern heute für Phantasie, für nie realisierbare Idee, ja für blosse Chimäre gilt, schon morgen, d. h. im nächsten Jahrhundert [...] in voller Realität dastehen wird.», Feuerbach, WC; GW, voi. 5, p. 15.

Neste quadro significativo, o homem da «vida prática» está obrigado a actuar, mas nem sempre tem as condições necessárias para pensar. Encontra-se, por conseguinte, num elemento onde a *alienação* espreita: a alienação que é, precisamente, a dação ou a projecção para outrem daquilo que é *próprio*, mas como tal não é reconhecido nem vivido.

Ao falar dos apóstolos, por exemplo, e procurando explicar, de algum modo, a fragilidade de muitas das suas incursões teóricas, Feuerbach recorre justamente a uma aceção do «prático» que claramente se inscreve na linha de significação que estamos agora a individualizar: os apóstolos eram homens assoberbados por problemas «práticos» a que tinham de dar resposta, é por isso que eles não respondem à essencialidade das questões teóricas mesmo no que se refere ao seu campo decisivo de intervenção — a religião.

«Os apóstolos não tinham tempo nenhum para aprofundarem a essência da religião. A sua tarefa era, de uma ponta à outra, uma [tarefa] prática.» (76).

Este carácter pejorativo da «praxis» acentua-se ainda quando Feuerbach trata de o vincular explicitamente a uma falta de luzes (naturais e culturais) que escondem ao homem a verdade acerca da sua real condição, limitando-o, por conseguinte, decisivamente, na sua liberdade.

A ilusão religiosa seria, assim, algo a que o «homem prático» se mostraria particularmente permeável. Desconhecedor da sua própria natureza, este «homem prático» seria incapaz de reconhecer como genericamente seus os atributos que alienadamente hipostasia num Outro a que dá o nome de «deus» e perante o qual se inclina.

O deus pessoal acaba, nestes termos, por não ser mais do que a representação que o «homem prático» faz, afinal, da sua própria razão — não enquanto faculdade particular, individual, mas enquanto património genérico da comunidade humana no seu conjunto.

«A razão, o género [*Gattung*], actúa sobre o homem prático apenas sob a representação de um ser pessoal.» (77).

(76) «Die Apostel hatten keine Zeit, sich in das Wesen der Religion zu vertiefen. Ihre Aufgabe war eine durchaus praktische.» Feuerbach, *Beleuchtung*; GW, voi. 9, p. 213.

(77) «Die Vernunft, die Gattung, wirkt auf den praktischen Menschen nur unter der Vorstellung eines persönlichen Wesens.» Feuerbach, WC; voi. 5, pp. 352-353.

O traço pejorativo deste emprego do conceito de «praxis» é, sem dúvida, avivado quando na segunda edição de *A essência do cristianismo*, a expressão «homem prático» é explicitada mediante a adjunção de «subjektiven, ungebildeten», subjectivo, inculto.

O «homem prático» é, neste caso, «subjectivo» porque se revela incapaz de transcender a sua particularidade, a sua individualidade, acedendo à comunhão da *Gattung*, à dimensão genérica da comunidade humana; é «insulto», porque, alienando o que é seu a Outrem, dá mostras não apenas de ignorância da sua verdadeira condição, como ainda de incapacidade de desenvolver a sua própria formação (*Bildung*).

Seja como for, o traço porventura central da caracterização pejorativa da praxis para Feuerbach — em determinados contextos do seu pensamento — prende-se fundamentalmente com a vinculação deste tema ao do egoísmo e do utilitarismo.

Como já anteriormente tivemos oportunidade de assinalar, Feuerbach demarcava-se com clareza, pelo menos já desde 1839, de qualquer intento de associação da *praktische Tendenz* auto-detectada nos seus escritos, e por ele igualmente preconizada (78), com quaisquer rasteiras intenções utilistas, teoricamente pobres de espírito e moralmente ricas de egoísmo.

No entanto, mais esclarecedora ainda — para o ponto de vista do presente estudo — são as considerações que Feuerbach expende em *A essência do cristianismo* em torno da doutrina da criação.

A *Kreationslehre* provem do judaísmo e tem como determinante princípio subjacente: o egoísmo. Todo o modelo feuerbachiano da prática ficará, em consequência, infectado por esta perspectiva.

O ponto de vista da prática devem, nestes termos, a submissão da Natureza a uma vontade estranha, a violentação do real por uma manipulação não apenas interessada, mas decididamente interesseira.

«A doutrina da criação na sua significação característica surge apenas do ponto de vista em que o homem sujeita praticamente a Natureza apenas à sua vontade e necessidade [precisão, *Bedürfnis*]» (79).

(78) Cf. Feuerbach, *An K. Riedel*; GW, vol. 9, pp. 8-9.

(79) «Die Kreationslehre in ihrer charakteristischen Bedeutung entspringt nur auf dem Standpunkt, wo der Mensch praktisch die Natur nur seinem Willen und Bedürfnis subjiziert», Feuerbach, WC: GW, voi. 5, p. 205.

A reflexão de Feuerbach sobre este ponto merece certamente uma atenção mais pormenorizada.

Como é sabido, o modelo religioso da criação não passa de uma transposição para outrem, revestido miticamente — misticamente — da dignidade do divino e de um poder ontologicamente instaurador, das operações produtivas humanas, designadamente, da prática.

Ora, Feuerbach na actividade materialmente efectiva e eficaz apenas consegue ver uma sua (eventual, não obrigatória, não constitutiva) dimensão moral negativa — o egoísmo — e uma vertente pragmática ou utilitarista que se lhe encontra associada.

Por conseguinte, *a prática naquilo que tem de efectivamente fundamental — a transformação material — permanece impensada por e para Feuerbach.*

A prática vê-se, assim, abusivamente identificada na sua totalidade — ou, pelo menos, segundo uma parcela fundamental da sua significação — com uma expressão particular, historicamente relativa, e que mesmo no caso em apreço não reflecte na sua concreção os fenómenos que pretensamente descreve.

Abundam, assim, em Feuerbach, os arrastamentos da problemática da prática para a órbita das questões de um pragmatismo utilitário ou de um intento/desejo de manipulação arbitrária do real.

«Mas, o *utilismo* é a intuição essencial do judaísmo.... a Natureza é intuída apenas como um objecto do arbítrio, do egoísmo.... Para os judeus, a Natureza era um mero meio para o objectivo do egoísmo, um mero objecto de vontade.»<sup>(80)</sup>

Em conformidade, a praxis vem a conhecer como paradigma fundamental: o milagre. A actividade transformadora devem, *prima facie*, actividade milagreira. A prática vê-se tendencialmente ensombrada pela suspeita pejorativa da mera fabricação fantástica.

O milagre espreita assim, como espectro, qualquer tentativa de encarar a intervenção transformadora material sobre o real. Se o milagre apresenta no seu cerne aspirações intrinsecamente práticas — precisamente, a superação ou o apressamento da prática histórica, contraditória e dificultosa, instan-

<sup>(80)</sup> «Aber die *Utüismus* ist die wesentliche Anschauung des Judentums.... die Natur nur als ein Objekt der Willkür, des Egoismus.... Den Juden war die Natur ein blosses Mittel zum Zwecke des Egoismus, ein blosses Willensobjekt.», Feuerbach, WC; GW, voi. 5, pp. 208 e 211-212.

taneamente consumada na plenitude mágica dos baú{xaxa —, a prática, por sua vez, transporta no seu bojo o anseio (ou a suspeição) de milagre.

«O milagre não é, porém, nenhuma intuição teórica do mundo e da Natureza; o milagre realiza necessidades [precisões] práticas...; o milagre é o *superlativo* do utilismo espiritual ou religioso.»<sup>(81)</sup>.

Nestes termos, deus pode mesmo vir a revelar-se como a encarnação suprema da praticidade. «Gott... ein rein praktisches Objekt ist»<sup>(82)</sup>, deus é um objecto puramente prático.

Deus é objecto da prática, não porque constitua qualquer instância material que o operar produtivo dos homens encontre no seu caminho como obstáculo ou como entidade de algum modo resistente, mas apenas porque é objecto de uma fabricação interesseira que projecta nele e para ele determinados poderes fantásticos de gratificação.

Porque ontologicamente o seu estatuto é mais do que precário, deus não pode assumir-se como objecto de teoria; falta-lhe para tanto consistência ôntica. Torna-se, assim, objecto de religião, o mesmo é dizer: objecto de «praxis», na dupla acepção da interioridade moral da sua revelação (mesmo quando pretensamente objectivada) e da (ilusória) produção utilista de determinados efeitos.

«deus é *essencialmente* apenas um *objecto* da religião, não da filosofia, do espírito [ânimo, Gemiti] não da razão, da prática não da teoria sem necessidades [ou precisões], da aflição [[*Herzensnot*] não da liberdade de pensamento, em suma, um objecto, um ser, que expressa não a essência do ponto de vista teórico, mas do ponto de vista prático.»<sup>(83)</sup>.

Daqui decorre igualmente a conhecida contraposição feuerbachiana entre a *theoretische Anschauung*, a intuição teórica, e a *praktische Anschauung*, a intuição prática, entre o encanto

<sup>(81)</sup> «Das Wunder ist aber keine theoretische Anschauung von der Welt und Natur; das Wunder realisiert praktische Bedürfnisse...; das Wunder ist der *superlativus* des geistlichen oder religiösen Utilismus.»; Feuerbach, WC; GW, vol. 5, pp. 330-331.

<sup>(82)</sup> Cf. Feuerbach, WC; GW, vol. 5, p. 331.

<sup>(83)</sup> \* «Gott ist *wesentlich* nur ein Gegenstand der Religion, nicht der Philosophie, des Gemütes, nicht der Vernunft, der Praxis, nicht der bedürfnislosen Theorie, der Herzensnot, nicht der Gedankenfreiheit, kurz, ein Gegenstand, ein Wesen, welches nicht das Wesen des theoretischen, sondern des praktischen Standpunkts ausdrückt.»; Feuerbach, WC; GW, vol. 5, p. 318.

acolhedor da infância grega e a ganância utilitária do judaísmo, entre a harmonia estética com a Natureza e a violentação «práxica» do real <sup>(84)</sup>.

A «falta de respeito» pelo mundo que leva a querer interferir com ele, a querer transformá-lo — compreendemos agora muito facilmente a raiz, por exemplo, de toda a crítica do jovem Engels às implicações objectivamente reaccionárias (ainda que não deliberadamente procuradas) destas concepções de Feuerbach <sup>(85)</sup> — rompe assim o deleite estético do seu desfrute, impõe-lhe uma mesquinha vontade estranha.

«A intuição prática é uma intuição *sórdida*, infectada de egoísmo. Aí comporto-me para com uma coisa apenas por minha causa.» <sup>(86)</sup>.

É que, efectivamente, para Feuerbach, a destinação que há que recordar ao homem, não é tanto a da acção — e ainda menos a da prática —, mas a da contemplação.

Num mundo conturbado e carente de acção, é de reflexão, é de teoria, que há que falar aos homens. Não para os dissuadir de agirem — não creio ser esse o intento de Feuerbach —, mas, pelo contrário, para lhes proporcionar uma oportunidade de alcançarem uma maior densidade, uma maior riqueza, na sua acção.

«Os *primeiros* filósofos eram astrónomos. O céu recorda ao homem a sua destinação, que ele não está meramente destinado a agir, mas também [está destinado] à contemplação [*Beschauung*].» **[87]**.

Este apelo poderia ainda julgar-se, por outro lado, como autenticamente materialista, já que visava afastar os homens da especulação de meras idealidades abstractas, para os abrir

(84) cf. Feuerbach, WC; GW, vol. 5, p. 207.

(85) Comentando a tese feuerbachiana da identidade de ser e essência, isto é, de fenómeno e essência — que evidentemente é um dos supostos de todo o respeito contemplativo feuerbachiano pelo sensivelmente existente, pela imediatez sensível — Engels exclama:

«Um lindo elogio do existente»,  
«Eine schöne Lobrede auf das Bestehende.», F. Engels, *Ueber Feuerbach*; MEW, vol. 3, p. 543.

(86) «Die praktische Anschauung ist eine *schmutzige*, vom Egoismus befleckte Anschauung. Ich verhalte mich hier zu einem Dinge nur um meinetwillen.», Feuerbach, WC; GW, vol. 5, p. 333.

(87) «Die *ersten* Philosophen waren astronomen. Der Himmel erinnert den Menschen an seine Bestimmung, daran, dass er nicht bloss zum Handeln, sondern auch zur *Beschauung* bestimmt ist.», Feuerbach, WC; GW, vol. 5, pp. 34-35.

sensorialmente às realidades imediatas da experiência... Este poderia, efectivamente, ser um outro lado da questão.

Creio, no entanto, que, neste particular, a crítica de Marx ao *anschauende Materialismus*, ao materialismo intuitivo, isto é, fundado em toda uma concepção onde a contemplação aparece larga e gravosamente privilegiada, contribui em muito para repor esta problemática no terreno verdadeiramente fecundo em que pode e deve ser abordada (88).

7. *A depreciação do «fazer» face à génese puramente espiritual. O apagamento constante da questão do trabalho. A teoria como terreno da «praxis»*

Mas não haverá também uma concepção feuerbachiana da actividade produtora? Como é que ele concebe a fabricação, a transformação?

Numa primeira aproximação algo simplificada, poderemos dizer que a *Veränderung*, a transformação, não é uma preocupação central do pensamento de Feuerbach.

Por outro lado, podemos ainda acrescentar que, na sequência, aliás, de algumas indicações que anteriormente já foram emergindo, a acção produtiva — ou mais exactamente: aquela que envolva um «fazer» — aparece considerada não raro em termos pejorativos ou, pelo menos, em termos em que as suas dimensões positivas não são devidamente postas em relevo.

O paradigma da acção mecânica está presente algumas vezes. Se o mundo é *feito*, então, a consciência religiosa coincide com a consciência mecânica (*mechanische Bewusstsein*) — e não esqueçamos que subsiste uma equação entre o «religioso» e o «prático». O mundo torna-se, assim, um mero «produto da vontade», um *Machwerk*, uma contrafacção (do exemplar/modelo teórico?) que é igualmente um artigo (fabricado) de má qualidade, pois, «a religião considera as coisas, não do ponto de vista teórico, mas do [ponto de vista] prático» (89).

Curiosamente, na segunda e na terceira edições de *A essência do cristianismo*, precisamente quando Feuerbach introduz mais marcadamente a associação da prática e da subjectividade, esta aproximação da praxis e da produção mecânica é eliminada. O carácter prático transformador da intervenção humana

C<sup>88</sup>) Cf. Marx, *Thesen über Feuerbach*, 9; MEW, vol. 3, p. 7 e também o meu artigo: «O 'materialismo intuitivo' de Feuerbach», *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, IV.3 (1979-1980), pp. 445-498.

(<sup>89</sup>) «die Religion betrachtet die Dinge nicht vom theoretischen, sondern praktischen Standpunkt.», Feuerbach, WC; GW, vol. 6, p. 326.

no real como que se apaga assim ainda mais, em proveito de uma compreensão teoreticista da acção.

Efectivamente, Feuerbach não proscreve teoricamente a acção. Longe disso. Pensa-a é, precisamente, segundo um paradigma ele próprio teórico, ele próprio secundarizador dos traços específica e constitutivamente *práticos* da praxis.

A este propósito, valerá a pena atentarmos nesta passagem onde Feuerbach estabelece uma distinção entre o produzir (*zeugen, hervorbringen*) próprio da Natureza e o fazer (*machen, tun*) característico do homem:

«A Natureza engendra, pro-duz, o homem *faz*. O fazer é um agir [*Turi*] de que eu me posso abster, um agir intencional, propositado, exterior — um agir em que o meu ser mais próprio [e] mais íntimo não participa imediatamente, em que não estou simultaneamente passivo, tocado. Uma actividade não indiferente, pelo contrário, é uma [actividade] idêntica como o meu ser, que necessariamente me afecta patologicamente, tal como a produção espiritual, que é para mim uma necessidade interior e, por isso, se apodera de mim pelo mais fundo. As obras espirituais não são feitas — aliás, o fazer é apenas a actividade mais exterior —, elas surgem [nascem] em nós. O fazer, porém, é uma actividade indiferente, por isso, livre, isto é, arbitrária.» (&<sup>0</sup>).

O fazer humano na sua dimensão objectivamente prática — transformadora — é sempre negativamente qualificado no horizonte da exterioridade, da indiferença, da actividade despcienda.

É, de facto, o ancestral desprezo pelo *trabalho*, designadamente, pelo trabalho manual — com toda a sua carga de classe, por certo nem sempre inteiramente consciente — que aqui violentamente irrompe por detrás das boas intenções deste fervoroso adepto do democratismo burguês.

(<sup>90</sup>) «Die Natur zeugt, bringt hervor, der Mensch *macht*. Machen ist ein Tun, das ich unterlassen kann, ein absichtliches, vorsätzliches, äusserliches Tun — ein Tun, bei dem nicht unmittelbar mein eigenstes innerstes Wesen beteiligt ist, ich nicht zugleich leidend, angegriffen bin. Eine nicht gleichgültige Tätigkeit dagegen ist eine mit meinem Wesen identische, mir notwendige, wie die geistige Produktion, die mir ein inneres Bedürfnis ist und ebendeswegen mich aufs tiefste ergreift, pathologisch affiziert. Geistige Werke werden nicht gemacht — das Machen ist nur die äusserlichste Tätigkeit daran —, sie *entstehen* in uns. Machen aber ist eine indifferente, darum freie, d. i. willkürliche, Tätigkeit.»; Feuerbach, WC; GW, voi. 5, pp. 368-369.

Tal como Marx Wartofsky, na sua monografia sobre Feuerbach, observa com a propósito: «*Bildung* and *Kultur*, but never *Arbeit*»<sup>(91)</sup>, formação e cultura, mas nunca trabalho.

Bastante tempo antes de Wartofsky, também já Herbert Marcuse havia acertadamente chamado a atenção para este ponto central. Em *Razão e revolução*, escreve Marcuse:

«Omitindo o processo do trabalho da sua filosofia da liberdade, Feuerbach omitiu, por isso, o factor decisivo através do qual a Natureza se poderia tornar o meio para a liberdade.»<sup>(92)</sup>.

Para Feuerbach, com efeito, o trabalho é essencialmente algo de menor, algo de ainda afectado pela condição servil. «*Arbeiten is dienen*»<sup>(93)</sup>, trabalhar é servir, e este servir traz inegavelmente a marca da submissão, do *subjizieren*, do sujeitar-se, do *unterwerfen*, do submeter-se.

Mesmo quando o homem aparece pensado como um produto, é sempre como um produto da história, da cultura, da actividade espiritual — o momento nobre da liberdade —, não como um produto do trabalho, não como um produto da transformação da Natureza e de si próprio.

Como Feuerbach regista num aforismo do período de 1843-1844:

«o homem que brotou imediatamente da Natureza, também só era ainda um puro ser da Natureza, não [era] homem nenhum. O homem é um produto do homem, da cultura, da história.»<sup>(94)</sup>.

Sem dúvida, que Feuerbach também pretende caracterizar o homem pela actividade. É pela nossa *Tätigkeit* que nos formamos, que ganhamos contorno e, assim, adquirimos uma densidade, tanto para nós próprios como para os outros:

(91) Cf. Marx W. Wartofsky, *Feuerbach*, Cambridge — London — New York — Melbourne, Cambridge University Press, 1977, p. 394.

(92) «By omitting the labor process from his philosophy of freedom, therefore, Feuerbach omitted the decisive factor through which nature might become the medium for freedom.», H. Marcuse, *Reason and Revolution. Hegel and the rise of social theory*, Boston, Beacon Press, 1969<sup>7</sup>, p. 272.

(93) Cf. Feuerbach, WC; GW, voi. 5, p. 295.

(94) «der Mensch, der unmittelbar aus der Natur entsprang, war auch nur noch ein reines Naturwesen, kein Mensch. Der Mensch ist ein Produkt des Menschen, der Kultur, der Geschichte.», Feuerbach, *Fragmente*; GW, voi. 10, p. 178.

«o homem pelos seus objectivos, pela actividade em que realiza esses objectivos, simultaneamente, assim como é algo para si é também *algo para outrem*, para o universal, para o género» (95).

No entanto, esta actividade de formação, de cultura ou de cultivo das suas próprias capacidades é essencialmente uma actividade espiritual.

Sem dúvida que, para Feuerbach, a actividade é «divina», é «alegre», é criadora (96). É seguramente tudo isto, mas subsumida nos parâmetros reitores da autoria literária.

O que se compara é a actividade de ler com a actividade de escrever. A tendência prática, o sublinhar da *prática*, sai por certo da idealidade imaterializada da leitura, vai mais longe; mas não alcança mais do que a materialização da escrita. Na sua materialidade concreta a prática continua a estar ausente.

Não basta, por conseguinte, tal como ocorre com alguns autores — por exemplo, David McLellan — salientar que Feuerbach não procede de facto a uma subestimação da prática (97). É preciso atentar cuidadosamente em que é que ela consiste.

O problema da praxis em Feuerbach talvez também não seja o de assinalar a dualidade «activa» e «passiva» da sua significação — como de certo modo ocorre na monografia de José Manuel Bermudo sobre a prática no jovem Marx (98). A

(95) «Durch seine Zwecke, durch die Tätigkeit, in welcher er diese Zwecke realisiert, ist aber der Mensch zugleich, wie etwas für sich, so *etwas für andere*, für das Allgemeine, die Gattung.», Feuerbach, WC; GW, voi. 5, p. 295.

(96) Cf. Feuerbach, WC; GW, voi. 5, p. 365.

(97) Como ele refere: «Feuerbach certamente que não subestimou a importância da 'actividade prática'», «Feuerbach certainly did not underestimate the importance of 'practical activity'», D. McLellan, *The young Hegelians and Karl Marx*, London Macmillan 1980<sup>3</sup>, pp. 114-115.

(98) Afirma Bermudo:

«Para Feuerbach, há uma *prática passiva* e uma *prática activa* ou autoactividade. Esta última é exclusiva do espírito; a prática passiva é uma simples resposta biológica aos estímulos exteriores. Isto é, a actividade criadora continua a ser monopólio do espírito, enquanto a actividade material é considerada algo de cego, de grosseiro, de prosaico, de egoísta»,

«Para Feuerbach hay una *práctica passiva* y una *práctica activa* o autoactividad. Esta última es exclusiva del espíritu; la práctica passiva es una simple respuesta biológica a los estímulos exteriores. Es decir, la actividad creadora sigue siendo monopolio del espíritu, mientras que la actividad material es considerada algo ciego, grosero, prosaico, egoísta», J. M. Bermudo, *El concepto de praxis en el joven Marx*, Barcelona, Península, 1975, p. 150.

designação não é até muito feliz, porque o qualificativo de «passivo» tem, em Feuerbach, conotações teóricas francamente positivas — a passividade é condição da evidenciação da objectividade e, como tal, deve ser cultivada no marco de toda uma valorização da *Sinnlichkeit* —, ao contrário daquilo que o texto de Bermudo imediatamente poderia sugerir.

O problema da prática, que em fundo se vai destacando na tematização de Feuerbach — quase como uma presença inatendida —, é o da sua constitutiva compreensão como *trans- formação material*. Para Feuerbach, isto não é apenas problemático; está ausente pura e simplesmente.

A grande questão para Feuerbach é, em toda esta fase, a da crítica da especulação:

«Assim como lá onde o homem se *descorporiza*, [onde] nega o corpo, esse *limite racional* da subjectividade, ele cai numa prática transcendente fantástica, trata com fenómenos corpóreos de deus e de espíritos, suprime, portanto, *praticamente*, a diferença entre imaginação e intuição, perde-se desse modo também *teoricamente* a diferença entre pensar e ser, *subjectivo e ob fedivo, sensível e não-sensível*, lá onde, para ele, a *matéria* não é *nenhuma realidade* e consequentemente *nenhum limite* da razão pensante, onde, para ele, a razão, a essência intelectual, <sup>^</sup> a *essência da subjectividade em geral*, nesta sua *ilimitação*, é o *único, o absoluto ser* [Wesen].» (").

O importante a sublinhar para Feuerbach é que, sem o corpo, sem a receptividade sensorial que o corpo proporciona, o homem não consegue distinguir entre *Imagination* e *Anschaung*, entre imaginação (decorrente na esfera ideal da mera subjectividade) e intuição (atestação subjetivamente sensível daquilo que é objetivamente sensível). O fundamental é esta distinção gnosiológica, com implicações ontológicas, mas decorrente essencialmente no *terreno da teoria*.

O corpo não é apresentado verdadeiramente como condição da prática material transformadora. A sua ausência, pelo con-<sup>99</sup>

<sup>(99)</sup> «wie da, wo der Mensch sich *entleibt*, den Leib, diese vernünftige Schranke der Subjectivität, negiert, er in eine phantastische itranszendente Praxis verfällt, mit leiblichen Gottes - und Geistererscheinungen umgeht, also den Unterschied zwischen Imagination und Anschauung *praktisch* aufhebt, so verliert sich auch *theoretisch* der Unterschied zwischen Denken und Sein, *subjektiv und objektiv, sinnlich und unsinnlich*, wo ihm die Materie *keine Realität* und *folglich keine Grenze* der denkenden Vernunft, wo ihm die Vernunft, das intellektuelle Wesen, *das Wesen der Subjectivität überhaupt, in dieser seiner Unbeschränktheit* das *alleinige, das absolute Wesen* ist.», Feuerbach, *Grundsätze*, § 29; GW, voi. 9, p. 311.

trário, é que implica o desenvolvimento de uma «praxis» mítica, o exercício de uma actividade especulativa de projecção de algo de meramente ideal na pretensão a uma transcendência objectiva metafantástica.

8. *Do ideal ao real. A filosofia prática. Materialismo teórico e idealismo prático. Ateísmo e democracia: a política a tornar-se religião*

Não fala, porém, Feuerbach, ele próprio, de uma «filosofia prática»? Que é essa *praktische Philosophie*?

O tópos clássico para referir esta questão é uma passagem bastante citada das *Teses provisórias para a reformação da filosofia*, de 1843:

«A transição do ideal ao real tem o seu lugar apenas na filosofia prática.»<sup>(100)</sup>.

O problema central que nos é colocado é, efectivamente, o da passagem do ideal ao real. A mediação que nos é apontada é uma solução «prática» (e não teórica).

Duas observações poderão ter aqui algum interesse.

Em primeiro lugar, o *Uebergang* é pensado fundamentalmente como materialização ou concretização de algo de meramente ideal; a situação considerada parte da existência de um determinado projecto — idealizado, teórico —, perante o qual se pergunta pela maneira de o «realizar».

Em segundo lugar, esta afirmação de Feuerbach não pode ser dissociada do bloco em que se inscreve, e que diz assim:

«O curso até aqui da filosofia especulativa do abstracto ao concreto, do ideal ao real, é um [curso] invertido. Por esse caminho nunca se chega à realidade verdadeira, objectiva, mas sempre só à realização das suas próprias abstracções e, precisamente por isso, nunca [se chega] à verdadeira liberdade do espírito; pois, só a intuição das coisas e seres na sua realidade objectiva torna o homem livre e liberto de todos os pré-juízos.»<sup>(101)</sup>.

(100) «Der Uebergang vom Idealen zum Realen hat seinem Platz nur in der praktischen Philosophie.», Feuerbach, *Vorläufige....*; GW, voi. 9, p. 251.

<sup>(101)</sup> «Der bisherige Gang der spekulativen Philosophie vom Abstrakten zum Konkreten, vom Idealen zum Realen ist ein verkehrter. Auf diesem Wege kommt man nie zu wahren, objektiven Realität, sondern immer nur zur Realisation seiner eignen Abstraktionen, und ebendeswegen nie zur wahren Freiheit des Geistes; denn

O contexto é, portanto, o de uma crítica da filosofia especulativa e, designadamente, dos seus *critérios de realidade*. O que efectivamente aqui está em causa é a contestação da legitimação ontológica da «objectividade» que a especulação propõe. Não por recurso a uma operação trans-teórica de contacto com o real — como seria, por exemplo, a prática materialmente transformadora —, mas por remissão para um procedimento *teórico* outro, diferente do utilizado pela especulação, e, neste quadro, rotulado de «prático».

Atente-se, por conseguinte, em que a prática tem aqui directamente a ver com a experiência, com a atestação empírica da existência de algo. A intuição das coisas na sua realidade objectiva, a sua evidenciação imediata numa experiência sensível, esse será o critério da sua existência e realidade, essa será a garantia de que elas efectivamente passaram, transitaram, de uma mera idealidade (eventualmente, conceptual) para o terreno do real.

Esta filosofia *prática* não é tanto a filosofia de uma prática que (materialmente) opera a transição, mas a filosofia da intuição sensível que constata empiricamente a transição.

É, porventura, neste sentido — e de modo nenhum no quadro de uma concepção consequentemente materialista — que alguns autores podem chamar a atenção para o facto de que, para Feuerbach, a *Sinnlichkeit*, a sensibilidade, é *Praxis* (como acontece com Alfred Schmidt ou com Michel Henry <sup>(102)</sup>) ou

*nur die Anschauung der Dinge und Wesen in ihrer objektiven Wirklichkeit macht den Menschen frei und ledig aller Vorurteile.*», Feuerbach, *Vorläufige...*; GW, vol. 9, p. 251.

<sup>(102)</sup> Escreve Alfred Schmidt:

«'Sensualismo'.... significa, portanto, conceber a experiência mundana primária da consciência pré-filosófica na sua relevância principiai fundamental. Os órgãos dos sentidos tornam-se órgãos da filosofia, porque eles são essa prática humana.»

«'Sensualismus'.... bedeutet also die primäre Welterfahrung des vorphilosophischen Bewusstseins in ihrer grundsätzlichen Relevanz zu begreifen. Die Sinnesorgane werden Organe der Philosophie, weil sie solche menschlicher Praxis sind.», A. Schmidt, *Emancipatorische Sinnlichkeit. Ludwig Feuerbachs anthropologischer Materialismus*, München, Carl Hanser, 1973, p. 110.

Num sentido análogo se pronuncia também Michel Henry:

«A prática é justamente a relação sensorial ao ser compreendido identicamente nessa relação como 'real' e como 'sensível'.»

«La pratique est justement la relation sensorielle à l'être compris identiquement dans cette relation comme 'réel' e comme 'sensible'.» M. Henry, *Marx*, Paris, Gallimard, 1976, vol. I, p. 287.

de que a filosofia é, no fundo, uma «actividade prática» (como Eugene Kamenka procura justificar <sup>(103)</sup>).

Daqui ainda que, contrariamente ao que alguns outros autores propõem, também não me pareça muito acertado interpretar toda esta passagem anunciada do ideal ao real no quadro amplificado de uma problemática da história em geral <sup>(104)</sup>, embora tenha de reconhecer a existência de paralelos textuais que imediatamente possam encaminhar nessa direcção <sup>(105)</sup>.

Já um outro contexto em que Feuerbach igualmente se refere à *praktische Philosophie* me parece bastante mais propenso a esta aproximação com a problemática da história, uma vez que expressamente ela aí intervém em posição de relevo.

Trata-se de uma passagem da segunda edição de *A essência do cristianismo*, igualmente de 1843, onde Feuerbach se pronuncia acerca do seu posicionamento face ao idealismo e ao materialismo.

No quadro de uma concepção (categorialmente) algo confusa quanto ao fundamental nesta contradição, Feuerbach pretende operar uma distinção entre o que seria um materialismo teórico e um idealismo prático.

O materialismo teórico teria a ver com toda uma crítica dos supostos da filosofia hegeliana e, muito particularmente,

<sup>(103)</sup> Afirma Kamenka:

«A filosofia, como crítica, é para Feuerbach uma actividade prática, isto é, é parte do lidar do homem com o mundo que o rodeia, parte da própria *vida* e não pode ser simplesmente divorciada dela.»

«Philosophy, as criticism, is for Feuerbach a *practical activity*, i. e., it is part of man's dealing with the world around him, part of *life itself* and cannot be simply divorced from it.» E. Kamenka, *The Philosophy of Ludwig Feuerbach*, London, Routledge & Kegan Paul, 1970, p. 88.

<sup>(3.º4)</sup> A aproximação referida é levada a cabo, por exemplo, por Gabriel Amengual, *Crítica de la religión y antropología en Ludwig Feuerbach. La reducción antropológica de la teología como paso del idealismo al materialismo*, Barcelona, Editorial Laia, 1980, p. 235.

<sup>(105)</sup> Esta passagem, por exemplo, que vem na sequência de toda uma crítica da mediação hegeliana, em nome de uma acentuação decisiva do primado da imediatez sensível, é a este propósito significativa:

«As épocas históricas só surgem onde aquilo que antes era apenas um pensado, um mediado, se torna objecto de certeza imediata, sensível — aquilo que antes era apenas pensamento se torna *verdade*.»

«Geschichtliche Epochen entstehen darum nur da, wo, was früher nur ein Gedachtes, Vermitteltes war, Objekt unmittelbarer, sinnlicher Gewissheit — *Wahrheit* darum wird, was früher nur Gedanke war.» Feuerbach, *Grundsätze*, § 39; GW, voi. 9, p. 321.

com a negação da possibilidade de identificar (mistificadamente) o ideal com o real, o meramente pensado e o existente. A diferença ontológica subsistente entre estes domínios deverá, por conseguinte, ser acautelada e os sentidos, em geral, são chamados a constituírem-se como os garantes e, simultaneamente, os atestadores desta linha de demarcação.

Neste quadro, o materialismo (que Feuerbach algo apressadamente identifica com esta posição) representaria a perspectiva cientificamente correcta e o idealismo a doutrina ilegítima, porque erroneamente fundada.

Do ponto de vista «prático», pelo contrário, o materialismo teria muito mais a ver com os *Praktiker* de vistas curtas, a que já anteriormente fizemos referência, enquanto o idealismo se prenderia essencialmente a uma expectativa quase-visionária, a uma perspectiva de optimismo, de confiança no futuro e no desenvolvimento das potencialidades da Humanidade.

Afirma, pois, Feuerbach:

«Sou *idealista* apenas no domínio da filosofia *prática*, isto é, não faço aqui das barreiras do presente e do passado barreiras da Humanidade, do futuro.... Em suma, a Ideia é para mim apenas a fé no futuro histórico, na vitória da verdade e da virtude, tem para mim apenas um significado *político e moral*; mas, no domínio da filosofia propriamente teórica, só vale para mim, em directa oposição à filosofia de Hegel — onde, precisamente, tem lugar o inverso — o realismo, o materialismo, no sentido indicado.»<sup>(106)</sup>.

A «praxis» volta, assim, a ver-se associada aos domínios da política e da moral, a uma operação onde mesmo a intervenção política vem carregada (ou, porventura, subsumida?) de representações (teóricas) de ideais éticos («verdade», «virtude») num expectante horizonte de fé.

Feuerbach alude manifestamente a um desejo, a uma vontade, de acção. Só que esta acção, mais do que teorizada no seu exercício — como prática material —, é fundamentalmente uma acção-pensada, uma acção efectivamente intra-teórica,

<sup>(106)</sup> «Ich bin Idealist nur auf dem Gebiete der praktischen Philosophie, d. h. ich mache hier die Schranken der Gegenwart und Vergangenheit nicht zu Schranken der Menschheit.; der Zukunft.... Kurz, die Idee ist mir nur der Glaube an die geschichtliche Zukunft, an den Sieg der Wahrheit und Tugend, hat mir nur politische und moralische Bedeutung; aber auf dem Gebiete der eigentlichen theoretischen Philosophie gilt mir im direkten Gegensätze zur Hegelschen Philosophie, wo gerade das Umgekehrte stattfindet, nur der Realismus, der Materialismus in dem angegebenen Sinne.», Feuerbach, WC; GW, voi. 5, p. 15.

ainda que de desejada eficácia transcendente ou extra-teórica. Como Wartofsky refere, numa formulação feliz:

«É a prática da acção na sua forma reflectida, mas não a acção como tal ou em si mesma. Quando Feuerbach diz 'homem', quer dizer consciência humana, imaginação humana. Quando fala de vida humana, quer dizer vida *consciente*, a vida do pensamento, do sentimento, do desejo. Quando fala de 'actividade', pensa na actividade da consciência em todos estes aspectos.»<sup>(107)</sup>.

A «praxis» é, de facto, aqui mais a crença ou a expectativa de um futuro melhor do que propriamente a sua feitura, o empenhamento material na transformação da realidade objectiva.

Mas não nos fala Feuerbach também da política? Não é sua, precisamente, a famosa afirmação de que «die Politik muss unsere Religion werden»<sup>(108)</sup>, de que a política tem que se tornar a nossa religião?

É, e consta de um texto, publicado no *Nachlass* por Karl Grün, e conhecido por *Necesidade de urna reforma da filosofia*. Data de 1842.

No entanto, o verdadeiro alcance teórico desta proposição, aquele que se estende para além do mero, ainda que real, impacte da fórmula, tem que ser investigado mais de perto.

O seu quadro fundamental de referencia é o de urna defesa do democratismo burguês republicano como solução mais consentânea, no plano político, com a própria evolução religiosa — fáctica, «prática» — da Alemanha.

Segundo Feuerbach, uma vez que no Estado moderno a comunidade de crentes (ou de cristãos) deve ceder o lugar à

<sup>(107)</sup> «It is the praxis of action in its reflected form, but not action as such, or in itself. When Feuerbach says 'man', he means human consciousness, human imagination. When he talks of human life, he means *conscious* life, the life of thought, feeling, desire. When he talks of 'activity', he thinks of the activity of consciousness, in all these aspects.», M. W. Wartofsky, *Feuerbach*, Cambridge — London — New York — Melbourne, Cambridge University Press, 1977, p. 326.

<sup>(108)</sup> Cf. Feuerbach, *Notwendigkeit einer Reform der Philosophie* (doravante: *Notwendigkeit*); SW, vol. II, p. 219.

Pode ver-se também: Carlo Ascheri, «Feuerbach 1842: Necessità di un cambiamento», *De Homine*, Roma, 19-20 (1966), pp. 147-254 e ainda a comunicação de Lars Lambrecht, ao Congresso da *Internationale Gesellschaft für Dialektische Philosophie — Societas Hegeliana*, realizado em 1984, em Helsinquia, intitulada: «Zur Diskussion über Realität in der Begegnung von Philosophie und Politik 1842», de que possuo cópia oferecida pelo autor e que deverá, em breve, ser publicada nas Actas do Congresso.

comunidade política — democrática — de cidadãos, o homem tem de substituir o cristão, a essência humana — o género humano — tem de substituir a essência divina. O vínculo comunitário entre os homens não é mais de índole teocrática (o que supõe uma referência teocêntrica), mas de índole democrática (o que supõe uma referência antropocêntrica).

Daí que o Estado venha a constituir a autêntica comunidade humana. «O verdadeiro Estado é o Homem sem barreiras, infinito, verdadeiro, completo, divino» (109).

Daí também que, neste quadro de igualdade política em base antropológica, o ateísmo venha a representar um papel político marcante. A viragem para a democracia é uma viragem para o homem, contra os teocráticos ordenamentos do antigo regime, tanto religiosos, como políticos (como económicos):

«O ateísmo prático é, portanto, o vínculo dos Estados» (110).

A morte de deus que o ateísmo verifica devem, deste modo, morte tendencial do monarca (seu representante e herdeiro secular). A fundação antropológica do ateísmo, tão característica do projecto feuerbachiano de uma *Philosophie der Zukunft*, de uma filosofia do futuro, devem igualmente fundação política da democracia republicana:

«Como a mudança de deus para a razão não suprime deus, mas apenas [o] transfere, o protestantismo tinha transferido apenas o papa para o rei. Agora, trata-se do papado político; as razões para a necessidade do rei são as mesmas do que as razões para a necessidade do papa religioso.»  
O<sup>11</sup>).

(109) «Der wahre Staat ist der unbeschränkte, unendliche, wahre, vollendete, göttliche Mensch.», Feuerbach, *Notwendigkeit*; SW, voi. II, p. 220.

(110) «Der praktische Atheismus ist also das Band der Staaten.», Feuerbach, *Notwendigkeit*; SW, voi. II, p. 220.

(in) «wie die Verwandlung des Gottes in die Vernunft den Gott nicht aufhebt, sondern nur verlegt, so hatte der Protestantismus den Papst nur in den König verlegt. Jetzt handelt es sich um das politische Papstthum; die Gründe für die Notwendigkeit des Königs sind dieselben, wie die Gründe für die Notwendigkeit des religiösen Papstes.», Feuerbach, *Notwendigkeit*; SW, voi. II, p. 221.

Entre os aforismos postumos, editados por Friedrich Jodl, encontra-se, por exemplo, este:

«A resolução da teologia na antropologia no domínio do pensar é, no domínio da prática, da vida, a resolução da monarquia na república.»

«Die Auflösung der Theologie in die Anthropologie auf dem Gebiete des Denkens ist auf dem Gebiete der Praxis, des Lebens, die Auflö-

É certo que Feuerbach fala ainda neste mesmo texto de um *praktische Trieb in der Menschheit*, de um impulso prático na humanidade, que é *político*, que desenvolve aspirações anti-hierárquicas, e que é, no fundo, desejo de intervenção: «Trieb nach activer Teilnahme an den Staatsangelegenheiten» <sup>(112)</sup>, impulso para uma participação activa nos assuntos do Estado.

No entanto, uma vez mais, o problema continua a ser o da determinação efectiva do *conteúdo* dessa *actividade*. Participar activamente nos assuntos do Estado pode ser — e é bastante nesse sentido que vai a militância cívica de Feuerbach —, por exemplo, escrever, teorizar, doutrinar.

Em 1843, em carta a Ruge, Feuerbach ainda continua a insistir nas carências graves da Alemanha em matéria de teoria e em como elas seriam impeditivas de uma intervenção social mais marcada:

«Nós ainda não estamos na transição da teoria para a prática, pois ainda nos falta a teoria, pelo menos, em figura desenvolvida e omnilateralmente executada. A doutrina é ainda sempre o principal.» <sup>(113)</sup>.

É, pois, nestas contradições — e também sobre o fundo de um *desejo* de acção (preferentemente teórica) — que a concepção feuerbachiana da praxis se debate. Delas, aliás, Feuerbach não conseguirá verdadeiramente sair, no plano da teoria. No plano da prática, veio finalmente a aderir ao Partido operário social-democrata alemão — o Partido de Marx e de Engels —, de cuja secção de Nürnberg foi membro contribuinte desde 1870 <sup>(114)</sup>.

sung der Monarchie in die Republik.», *Nachgelassene Aphorismen*; SW, voi. X, p. 314.

Veja-se também: Feuerbach, *lieber das «Wesen des Christentums» in Beziehung auf Stirners «Der Einzige und sein Eigentum.»*, GW, voi. 9, p. 430.

<sup>(112)</sup> Cf. Feuerbach, *Notwendigkeit*; SW, voi. II, p. 221.

(ns) «wir sind noch nicht auf dem Uebergange von der Theorie zur Praxis, denn es fehlt uns noch die Theorie, wenigstens in ausgebildeter und allseitig durchgeführter Gestalt. Die Doktrin ist noch immer die Hauptsache.», Feuerbach, *Brief an Arnold Ruge*, 20. Juni 1943; SW, voi. XIII, p. 123.

<sup>(114)</sup> Cf. Wilhelm Bolin, *Biographische Einleitung*; Feuerbach, SW, voi. XII, p. 201.

9. *O ser como questão «prática». A resolução «prática» de dúvidas da teoria. A ligação à vida e à experiência. A assunção da filosofia por um sujeito humano*

Muito citada é igualmente uma passagem que, à primeira vista, parece abrir as mais amplas e promissoras perspectivas para esta investigação catégorial da praxis em Feuerbach:

«A questão do ser é, precisamente, uma questão prática, uma questão em que o nosso ser está interessado [participa], uma questão de vida ou de morte.»<sup>(115)</sup>.

Os partidários efectivos ou potenciais de alguma ontologia da praxis poderão tentar descortinar aqui — como, aliás, noutra igualmente famosa formulação de Marx<sup>(116)</sup> — um suporte teórico para o combate contra o materialismo, a pretexto e com base numa determinada intervenção activa humana (abusivamente) dotada de poderes ontologicamente instauradores.

Nem num caso nem no outro — ainda que por razões diferentes — corresponde a esta interpretação qualquer fundamento objectivo.

Tratemos, no entanto, de investigar mais em pormenor o sentido desta afirmação de Feuerbach de que a questão do ser é uma questão prática.

O contexto é, uma vez mais, o da crítica da ontologia hegeliana. Feuerbach assinala a contradição do *ser* hegeliano — quer da *Phänomenologie des Geistes*, quer da *Wissenschaft der Logik* — com o ser real.

A realidade tem, por conseguinte, que encontrar uma medida e um critério fundamentalmente diversos daqueles que a filosofia da identidade idealista do ser e do pensar providenciam. A conferência de um horizonte radicalmente espiritual para o ser tem, em conformidade, que ser combatida:

<sup>(115)</sup> «Die Frage vom Sein ist eben eine praktische Frage, eine Frage, bei dem unser Sein beteiligt ist, eine Frage auf Tod und Leben.», Feuerbach, *Grundsätze*, § 28; GW, voi. 9, p. 308.

<sup>(116)</sup> O começo da tese 2 diz precisamente:

«A questão de [saber] se ao pensar humano cabe [uma] verdade objectiva — não é nenhuma questão da teoria, mas uma questão *prática*.»,

«Die Frage, ob dem menschlichen Denken gegenständliche Wahrheit zukomme — ist keine Frage der Theorie, sondern eine *praktische* Frage.», Marx, *Thesen über Feuerbach*, 2; MEW, voi. 3, p. 5.

«quão pouco a palavra é a coisa, quão pouco o ser *dito* ou *pensado* é o ser real.» (117).

O «segredo» do ser vem, assim, a ter de ser revelado pela praxis. A praxis é chamada, então, a funcionar como elemento de atestação da realidade do ser, isto é, da sua condição trans-ideal, da sua não final redução à mera «substância» do pensado.

E aqui surge a interrogação decisiva (tendo em conta, o objectivo do presente trabalho). Mas em que consiste determinadamente essa atestação?

Num comportamento teórico determinado — se bem que não o da hipostasiação especulativa? Num comportamento transformador material?

A resposta de Feuerbach poderá parecer a alguns, em certa medida, desconcertante, pouco profunda ou pouco rigorosa, mas é a seguinte: o ponto de vista da praxis é «*der Standpunkt des Essens und Trinkens*» (118), o ponto de vista do comer e do beber — isto é, o ponto de vista da sensibilidade.

A actividade humana que aqui se encontra envolvida é, pois, fundamentalmente, a actividade teórica, não da elaboração racional de abstracções ou fonacional de discursos, mas dos sentidos que, sendo afectados, defrontam uma certa resistência objectiva que constituirá a garantia da materialidade. A praxis é aqui *experiencia*, isto é, actividade sensível.

Estamos, de facto, bastante longe da concepção que Marx esboça nas *Thesen über Feuerbach*, onde a prática é actividade material transformadora.

Não tem, portanto, razão David McLellan quando simplificadaamente pretende sugerir — referindo duas passagens conhecidas de Feuerbach e de Marx — que «mesmo a visão de Marx sobre a relação de teoria e prática... é também uma ideia de Feuerbach» (119).

A semelhança vocabular ou a homofonia das fórmulas, de modo nenhum, são penhor de uma dependência real positiva — isto é, de influência ou empréstimo — em *termos de conteúdo* temático ou doutrinário. Bem pelo contrário, é pensando sobre Feuerbach, é criticando Feuerbach, que Marx desenvolve e lhe contrapõe a sua concepção.

(117) «Sowenig aber das Wort die Sache ist, sowenig ist **das** *gesagte* oder *gedachte* Sein das wirkliche Sein.», Feuerbach, *Grundsätze*, § 28; GW, voi. 9, p. 308.

(118) Cf. Feuerbach, *Grundsätze*, § 28; GW, voi. 9, p. 308.

(119) «Even Marx's view on the relation of theory and practice ...is also an idea of Feuerbach's», D. McLellan, *The young hegelians and Karl Marx*, London, Macmillan, 1980<sup>3</sup>, p. 110.

Em estreita articulação com o que acabamos de ver, há ainda uma outra expressão de Feuerbach que igualmente se presta ao mesmo tipo de tentativas de interpretação. Faz parte dos aforismos autobiográficos, e diz assim:

«As dúvidas que a teoria não resolve, resolve-tas a prática.» (120).

Desta feita, o contexto remete decisivamente para uma contraposição da ciência e do viver. Se a ciência não resolve os enigmas da vida, a solução não tem que ser procurada na fé nem no irracionalismo — é esta a oposição (alternativa) a que Feuerbach procura retirar legitimidade de estabelecimento, com base numa falta de radicalidade. A solução tem que ser procurada, sim, na «praxis», no viver, como ele anteriormente refere no aforismo em causa.

Esta passagem à prática, este apelo ao viver, é precisamente a chamada de atenção para uma certa dimensão trans-cognositiva ou meta-cognoscitiva: a da *vivência*, da *Erleben* ou do *erleben*.

A *experiência* que empiricamente atesta a materialidade dos entes, tem de completar-se, pois, subjectivamente por um *experienciar* que os insere na órbita vivencial.

«o filósofo tem não apenas que meramente conhecer as coisas; tem, antes de tudo, que as *vivenciar* [*erleben*]»

A vinculação da praxis à vivência subjectiva recupera determinados traços da interioridade da acção, que anteriormente já detectávamos na sua associação à problemática da ética, e remete-nos decididamente para o horizonte da antropologia.

A questão do ser é de vida ou de morte, porque nos envolve sensivelmente, porque põe em acção um homem dotado de *corpo*, sensivelmente desperto para o acolhimento do real que amorosamente se lhe impõe.

A *filosofia do futuro*, a nova filosofia que Feuerbach propõe e anuncia como a mais consentânea com as exigências do

(120) «Die Zweifel, die die Theorie nicht löst, löst dir die Praxis.», Feuerbach, *Fragments*; CW, voi. 10, p. 178.

(120 121) «der Philosoph muss die Dinge nicht bloss erkennen, er muss sie vor allem *erleben*.», Feuerbach, *Fragments*; GW, voi. 10, p. 165.

tempo, terá de ser uma filosofia *do homem*, que não apenas fale dele, mas que ele próprio possa também assumir como sua. É por aqui que passa igualmente a *tendência prática* da nova filosofia.

A prática representa, nestes termos, a passagem objectiva e subjectiva ao terreno da antropologia, tanto ao nível de fundamentação (designadamente, mediante a redução do teológico e da ontologia idealista especulativa), como ao nível funcional — moral, prático, religioso, mesmo.

Como se pode ler já para o fim dos *Princípios fundamentais da filosofia do futuro*:

«A filosofia nova, pelo contrário, como filosofia do homem, é também essencialmente a filosofia *para o homem* — ela tem, sem prejuízo da dignidade e autonomia da teoria, mais: no mais íntimo uníssono com ela, uma *tendência prática*, e mesmo uma *tendência prática* em sentido supremo; ela entra para o lugar da religião, tem nela a *essência* da religião, ela é, na verdade, *propriamente religião*.» (122).

Contra a dupla verdade da velha filosofia — uma filosofia erudita e sábia para os eleitos, uma religião vulgarizada e acessível para o grosso da humanidade, em geral —, Feuerbach propõe a unidade de uma nova filosofia tornada simultaneamente religião ou ligação entre os homens.

A *tendência «prática»* será, neste caso, tanto a acessibilidade geral como a dimensão religiosa, segundo acepções a que já anteriormente aludimos, no quadro da tão desejada *Verbindung*, ligação, da filosofia com a vida (123).

O «prático» vem, assim, a abrir-se decisivamente, em Feuerbach, ao horizonte do antropológico.

A antropologia é o segredo da teologia (que milenarmente hipostasiou a essência do homem — viva e presente no género humano — num ser estranho e transcendente) e o segredo também da filosofia especulativa (que transforma faculdades humanas particulares em instâncias metafísicas ontologicamente subsistentes e os seus produtos meramente pensados em seres

(122) «Die neue Philosophie dagegen, als die Philosophie des Menschen, ist auch wesentlich die *Philosophie für den Menschen* — sie hat, unbeschadet der Würde und Selbstständigkeit der Theorie, ja, im innigsten Einklang mit derselben, wesentlich eine *praktische*, und zwar im höchsten Sinne praktische, Tendenz; sie tritt an die Stelle der Religion, sie hat das *Wesen* der Religion in sich, sie ist in Wahrheit selbst Religion.», Feuerbach, *Grundsätze*, § 66; GW, voi. 9, p. 340.

(123) cf. Feuerbach, *An K. Riedel*; GW, voi. 9, p. 10.

pretensamente reais). Por isso, a antropologia constituirá também o segredo da «praxis».

A dimensão «prática» para Feuerbach é fundamentalmente a entrada em linha de conta com o homem. Particularmente, com o homem todo (isto é, considerado na integralidade das suas faculdades, e não abstractamente reduzido a alguma delas, porventura, julgada como a unicamente digna) e também com todos os homens (e não apenas com os eruditos).

«A tendência essencial da actividade filosófica não pode, em geral, ser outra do que fazer do *filósofo homem* e do *homem filósofo*. O verdadeiro filósofo é o homem *universal*, o homem que, para tudo o que é essencialmente humano, tem sentido e entendimento, portanto, tem o sentido e o entendimento do género [*Gattung*].» (124).

A filosofia é, portanto, um acto do *sujeito humano*, não apenas de uma faculdade abstracta. «A filosofia não é *nenhum acto absoluto*, nenhum acto *puro sem sujeito* — ela é um *acto do sujeito humano*» (125).

Sempre haverá, no entanto, que perguntar — insistimos, uma vez mais — pelo efectivo alcance desta vinculação ao homem, desta avocação do homem e do humano como horizonte resolutor. Que se pretende efectivamente entender com isto?

A reivindicação desta ligação prática ao antropológico prende-se com o combate contra a exclusividade teórica do *acto puro* sapiencial ou cognoscitivo. Haverá também que contar doravante com um constitutivo *acto impuro*.

Será, desta feita, a ansiada prática, como transformação?

A resposta de Feuerbach é clara:

«Ao filósofo pertence, portanto, não apenas o acto puro do pensar, mas também o acto impuro ou misto [*mixtus*] da *paixão*, da receptividade sensível, que só ela nos transporta à confluência universal das coisas reais.» (126).

(124) «Die wesentliche Tendenz der philosophischen Tätigkeit kann überhaupt keine andre mehr sein als die, den *Philosophen* zum *Menschen*, den *Menschen* zum *Philosophen* zu machen. Der wahre Philosoph ist der *universelle* Mensch — der Mensch, der für alles wesentlich Menschliche Sinn und Verstand, also den Sinn und Verstand der Gattung hat.», Feuerbach, *Zur Beurteilung*; GW, voi. 9, pp. 240-241.

(125) «Die Philosophie ist *kein absoluter Akt*, kein *actus purus* ohne *Subjekt* — sie ist ein *Akt des menschlichen Subjekts*.», Feuerbach, *Grundsätze*, § 58; GW, voi. 9, p. 337.

(126) «Zum Philosophen gehört daher nicht nur der *actus purus* des Denkens sondern auch der *actus impurus* oder *mixtus* der *Leidenschaft*, der sinnlichen Rezeptivität, die uns allein in den uni-

Poderão alguns contentar-se com estas caracterizações da «praxis»<sup>(127)</sup>. Pela minha parte, creio que a questão deve continuar a ser colocada. Não por razões imediatamente histórico-filosóficas. Mas por razões constitutivamente *temáticas*. Porque o nosso próprio pensar da *prática* o exige.

10. *A «praxis» e a comunidade humana. Um horizonte teórico inter-subjectivo. Praxis versus materialismo?*

Não quereria concluir este estudo — mesmo dentro dos parâmetros limitados de um *terminus ad quem*: 1843 que me impus — sem me debruçar ainda sobre um texto que poderá lançar luz sobre uma outra dimensão significativa da «praxis» em Feuerbach, insusceptível, todavia, em meu entender, de contraditar os traços fundamentais de determinação que vimos detectando.

Trata-se da carta a Ruge, incluída na correspondência programática entre Bakúnine, Feuerbach, Marx e Ruge, que integra o número publicado em Paris, em 1844, dos *Deutsch-französische Jahrbücher*.

Apesar das legítimas cautelas que deverão acompanhar um exame mais pormenorizado da sua efectiva autoria material — Werner Schuffenhauer e Wolfgang Harich falam mesmo de uma «contribuição proveniente de Feuerbach e com maior verosimilhança redactada por A. Ruge»<sup>(128)</sup> —, estamos, na verdade, perante uma peça onde se reflectem alguns problemas

versalen Konflux der wirklichen Dinge versetzt.», Feuerbach, *Zur Beurteilung*; GW, vol. 9, p. 241.

(127) Referindo-se a Feuerbach, escreve Cabada Castro:

«a sua preocupação foi, de facto, desde o princípio do seu filosofar, eminentemente prática, já que — como não seria difícil mostrar — as suas posições teóricas estão sempre condicionadas e motivadas por uma prévia opção prática a favor do homem e do seu desenvolvimento sem entraves de nenhum género.»

«su preocupación fue, de hecho, desde el principio de su filosofar, eminentemente práctica, ya que — como no sería difícil de mostrar — sus posturas teóricas están siempre condicionadas y motivadas por una previa opción práctica em pro del hombre y de su desarrollo sin trabas de ningún género.», M. Cabada Castro, *Feuerbach y Kant: dos actitudes antropológicas*, Madrid, Publicaciones de la Universidad Pontificia Comillas, 1980, p. 115.

(128) «von Feuerbach stammenden und mit grosser Wahrscheinlichkeit von A. Ruge redigierten Beitrag.», W. Schuffenhauer e W. Harich, *Vorbemerkung*; Feuerbach, GW, voi. 9, p. XIII.

da transição dos *Deutsche Jahrbücher* para uma nova revista, apostada, desta feita, num projecto de colaboração internacional, ou bilateral: entre franceses e alemães, em prosseguir o combate pela proposição e defesa de soluções democráticas, cada vez mais avançadas, para a Alemanha.

Este escrito contém uma resposta de Feuerbach às perguntas: que é a teoria? que é a prática? Daí o seu inegável interesse para a nossa pesquisa.

No entanto, como qualquer texto, tem o seu contexto, isto é, tem um horizonte teórico de sentido, de conteúdo, que excede em muito a mera formulação imediata da ideia.

Feuerbach associa aí directamente a prossecução de um projecto de mudança à formação de «homens novos». Face à *deutsche Misere*, que de todo o lado espreita e constringe: «Neue Menschen brauchten wir», precisávamos de homens novos <sup>(129)</sup>!

A pedagogia, a educação, a cultura, a possibilidade de influenciar os actos essencialmente mediante uma intervenção na teoria (na ideologia ou na «consciência»), vêm assim a adquirir uma importância capital, justificadora, simultaneamente, tanto da nova fundação antropológica da filosofia, como também do tipo e do estilo de actuação reformadora que no entender de Feuerbach os tempos reclamam.

As tarefas que se divisam são, no entanto, titânicas e a radicalidade das desejáveis alterações entrevistas enorme:

«Há que dar cabo de tudo pela base. Um trabalho gigantesco de muitas forças reunidas. Nenhum fio [de] ligação ao governo antigo deve permanecer intacto.» <sup>(130)</sup>.

Face a tudo isto, porém, o reforço da teoria continua a ser para Feuerbach a preocupação central, a prioridade mais apetecida e (por isso?) mais reiterada. O trabalho necessário é gigantesco, mas a cabeça continua a ser, para Feuerbach, aqui o determinante.

O modelo dominante é ainda aqui em boa parte jurídico: é o paradigma do legislador. O teórico projecta, arquitecta, traça; o prático executa, segue, cumpre. A dignidade — o momento nobre —, está do lado da concepção (espiritual), inequivocamente.

(129) cf. Feuerbach, *Feuerbach an Ruge*; GW, vol. 9, p. 342.

(130) «Alles ist von Grund aus zu erschöpfen. Eine Riesenarbeit vieler vereinten Kräfte. Kein Faden soll am alten Regimenté ganz bleiben.», Feuerbach, *Feuerbach an Ruge*; GW, vol. 9, p. 342.

Concepção e realização, mau grado todos os eventuais protestos e aparências, continuam cindidos, objectivamente desligados.

«O novo brota na cabeça, mas [é] também na cabeça [que] fica durante mais tempo o velho. A cabeça submete-se com alegria mãos e pés. Portanto, antes de xudo, limpe-se e purgue-se a cabeça.» (\*<sup>131</sup>).

É certo que de seguida Feuerbach dirá também que a cabeça terá de aprender a viver aos ombros de «homens activos». No entanto, repare-se que a adjectivação da prática será sempre, apesar de tudo, bastante pejorativa: é do «acre jugo da prática» (*das herbe Joch der Praxis*) que se fala (<sup>132</sup> \*).

É, então, neste contexto que Feuerbach colocará a pergunta pela «praxis»:

«Que é a teoria? que é a prática? Em que consiste a sua diferença? É teórico aquilo que ainda só está metido na minha cabeça, [é] prático aquilo que anda [pairando como espectro] em muitas cabeças.» (<sup>138</sup>).

O comunitário, o colectivo, parecem, assim, ser agora os traços determinantes da praxis. É prático, o que é de algum modo pertença de uma colectividade. Este ponto merece particular reflexão.

Será esta determinação comunitária suficiente para caracterizar *concretamente* a prática? E para definir o seu conteúdo determinante?

Creio que não.

A prática na sua materialidade, por certo, que é sempre, imediata ou mediatamente, inter-subjectiva. A inter-subjecti-

(<sup>131</sup>) «Im Kopfe entspringt das Neue, aber im Kopf haftet auch am längsten das Alte. Dem Kopf ergeben sich mit Freuden Hände und Füße. Also vor allen Dingen den Kopf gesäubert und purgiert.», Feuerbach, *Feuerbach an Ruge*; GW, voi. 9, p. 342.

(<sup>132</sup>) No seu conjunto, o passo diz o seguinte:

«A cabeça é o teórico, é o filósofo. Ela tem apenas que carregar o acre jugo da prática, em que nós a puxamos para baixo, e que aprender a instalar-se humanamente neste mundo aos ombros de homens activos.»

«Der Kopf ist Theoretiker, ist Philosoph. Er muss nur das herbe Joch der Praxis, in das wir ihn herunterziehn, tragen und menschlich in dieser Welt auf den Schultern tätiger Menschen hausen lernen.», Feuerbach, *Feuerbach an Ruge*; GW, voi. 9, p. 342.

(<sup>133</sup>) «Was ist Theorie, was Praxis? Worin besteht ihr Unterschied? Theoretisch ist, was nur noch in meinem Kopfe steckt, praktisch, was in vielen Köpfen spukt.», Feuerbach, *Feuerbach an Ruge*; GW, voi. 9, p. 342.

vidade, no entanto, não basta para a caracterizar na sua essência, naquilo que faz dela, precisamente: actividade *prática*, e não, por exemplo, *actividade*, sim, mas de qualquer outro tipo.

Aliás, o próprio Feuerbach se apressa a fornecer elementos que nos habilitam a uma mais adequada caracterização dessa inter-subjectividade que ele entrevê para a prática. A inter-subjectividade que neste texto ele encara é acentuadamente teórica, é uma inter-subjectividade *de cabeças*.

Multiplicam-se os sujeitos individuais que partilham uma teoria — e isto, sem dúvida, que reforça o seu poder objective de impacte sobre a realidade social <sup>(134)</sup> (o que aqui, todavia, não está em causa) —, mas não deixa de se determinar o constitutivo da prática (aquilo que aqui é objecto do nosso inquérito) em termos essencialmente intelectuais.

Fala-se da acção, e pensa-se a teoria.

Em causa não está aqui, como é óbvio, a necessidade, a indispensabilidade, da teoria — e, particularmente, de uma teoria fundada — para uma prática correcta e eficaz, designadamente, no domínio da intervenção política.

Em causa está aqui, sim — e é esse o sentido desta nossa observação crítica (dirigida menos contra Feuerbach, por manifestas razões de natureza histórica material, mas muito mais contra algumas pretensões contemporâneas de «reanimar» a sua argumentação, em termos mais ou menos revistos e aumentados, com vista ao fazer dela nóvel última palavra na matéria) — uma aproximação (teórica) à determinação categórica da prática que a confina à partida, estruturalmente, ao terreno da teoria.

Em causa está nestas rápidas observações críticas, um intento de precisar o conteúdo da prática — e não meramente um apelo à acção, em termos mais ou menos radicalistas — que, no entanto, apenas cura de teoria e secundariza, ou quase esquece, o «acre jugo da prática».

(i34) Feuerbach também afirma:

«Aquilo que une muitas cabeças faz uma massa, alarga-se e, assim, consegue lugar no mundo.»

«Was viele Köpfe eint, macht Masse, macht sich breit und damit Platz in der Welt.», Feuerbach, *Feuerbach an Ruge*; GW, voi. 9, pp. 342-343.

É precisamente este aspecto que Gerd Haensch entende destacar, ao sublinhar a tentativa de Feuerbach com a sua filosofia de «ajudar a organizar e desenvolver esta nova consciência de massas» — «dieses neue Massenbewusstsein ausbilden und organisieren helfen.», G. Haensch, «Ludwig Feuerbachs Beitrag zur Klärung des Begriffs 'Pantheismus'», *deutsche Zeitschrift für Philosophie*, Berlin, 27 (1979), p. 792.

A prática *como prática* não é um «jugo», não é uma «carga», não é uma violentação irracional ou arbitrária. É algo de constitutivo, de ontologicamente constitutivo.

As condições em que uma prática determinada decorre, os objectivos que persegue, as dificuldades que suscita, etc., esses, sim, é que poderão, consoante as circunstâncias históricas e os agentes envolvidos, apresentar esses traços negativos e lamentáveis. O homem, todavia, não pode lamentar a prática, até porque o seu viver é constitutivamente prático.

É certo que diversos autores pretendem retirar destes desenvolvimentos temáticos de Feuerbach outras consequências, outras implicações. É certo e é natural que assim aconteça.

Rodolfo Mondolfo, por exemplo, também procurava retirar (idealmente) da reflexão feuerbachiana acerca da relação sujeito-objecto uma refutação do materialismo e a volatilização da materialidade <sup>(135)</sup>. *Se* as qualidades tiverem um fundamento meramente subjectivo, *se* a matéria carecer de substancialidade, a constituição práxica do ser verificar-se-á no seio da relação (inter-subjectiva, em última análise) de sujeito-objecto. Ficamos com a «praxis» e desaparece o materialismo.

Só que nem as determinações das coisas têm um fundamento meramente subjectivo, nem a categoria materialista de matéria significa um substrato indeterminado, nem a relação sujeito-objecto é originária, menos ainda é ontologicamente originante. De onde se conclui, entre outras coisas, que só algumas eventuais expressões feuerbachianas não chegam para construir uma teoria consistente.

<sup>(135)</sup> Escreve Mondolfo;

«Excluído todo o conceito de substância, porque a material é reduzida à unidade das qualidades que percebemos e a espiritual à continuidade e unidade da nossa consciência, não resta mais do que a realidade concreta da relação entre sujeito e objecto.... Está aqui, pois, delineada a relação sujeito-objecto como *praxis*, na qual se forma e se desenvolve dialécticamente a realidade de ambos os termos.»

«Escluso ogni concetto di sostanza, perchè quella materiale è ridotta alla unità delle qualità che noi percepiamo e quella spirituale alla continuità e unità della nostra consapevolezza, non resta che la realtà concreta del rapporto fra soggetto e oggetto [...]. Ecco dunque delinearsi il rapporto soggetto-oggetto come *praxis*, nella quale si forma e si sviluppa dialetticamente la realtà di entrambi i termini.», R. Mondolfo, «Feuerbach e Marx», *Umanesimo di Marx. Studi filosofici*, Torino, Einaudi, 1975<sup>2</sup>, pp. 24-25.

Mais recentemente, Hans-Martin Sass, por exemplo, pretende ver — na sequência mais implícita do que explícita, aliás, de outros, como Maurice Merleau-Ponty ou Jürgen Habermas — nesta compreensão da essência comunicativa da «praxis» uma *alternativa* ponderável ao materialismo consequente.

Na edição revista (1973) de um artigo sobre «estratégias de discussão» e «modelos de crítica» em torno de Feuerbach, escreve H.-M. Sass:

«A fundamentação da verdade de proposições teóricas e a remissão para a sua definitiva demonstrabilidade na prática da sensualidade [*Sensualität*] e da socialidade [*Sozialität*] é a grande alternativa que Feuerbach constroi contra Descartes e Marx.» (136).

De um ponto de vista formal abstracto, poderá efectivamente ser uma alternativa. De um ponto de vista temático, de conteúdo, penso que não.

Face ao idealismo da egoidade de obediência cartesiana e/ou fenomenológica, esta concepção feuerbachiana (ou neo-feuerbachiana) bater-se-á seguramente por um idealismo da inter-subjectividade comunicativa, e não apenas teórica/representativa. Face ao materialismo de Marx, esta alternativa conservar-se-á, pelos seus próprios supostos, no marco do idealismo.

Será, por conseguinte, quando muito uma alternativa regressiva ou retro-activa, mas nunca uma alternativa progressiva, isto é, destinada a facultar algum avanço efectivo à reflexão. Um eventual *Zurück zu Feuerbach!* a determinar-se nestes termos corre um sério risco de, no fundo, não vir a corresponder a mais do que um mero: *Zurück!*

Re-lendo Feuerbach, a prática continuará a ser tema a pensar. Talvez porque o próprio pensar pensa o real de dentro de uma prática.

(136) «Die Begründung der Wahrheit von theoretischen Aussagen und der Hinweis auf ihre ausschliessliche Beweisbarkeit in der Praxis der Sensualität und Sozialität ist die grosse *Alternative*, die Feuerbach gegen Descartes und Marx aufbaut.», H.-M. Sass, «Argumentationsfiguren in der Kritik an Ludwig Feuerbachs Religions- und Metaphysik-Kritik», *Ludwig Feuerbach*, ed. E. Thies, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1976, p. 257.

Veja-se também o artigo de Sass, «Feuerbachs Prospekt einer neuen Philosophie», *Revue Internationale de Philosophie*, Bruxelles, 26 (1972), pp. 255-274.